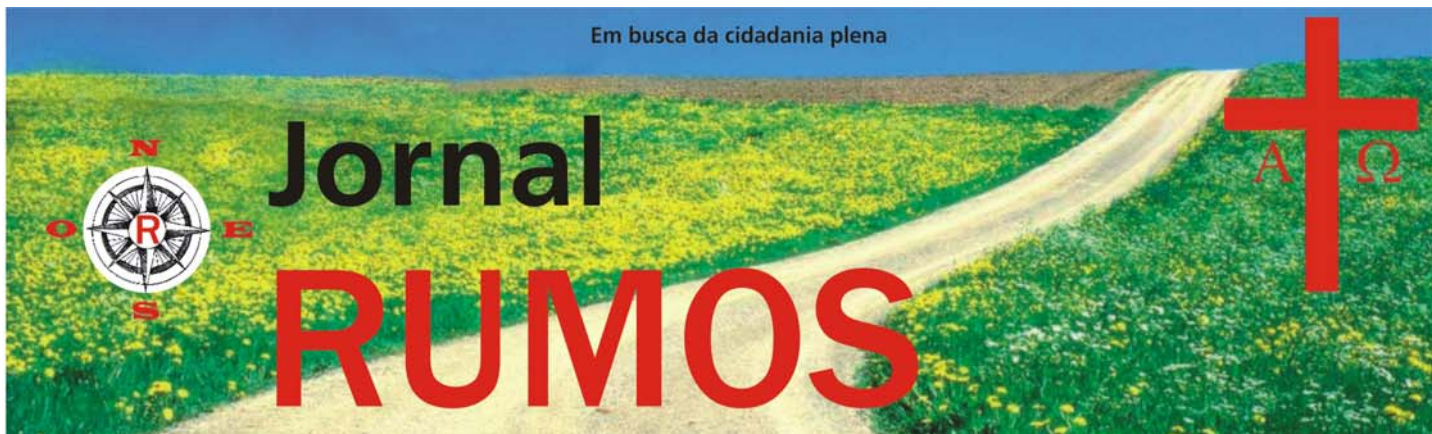




"O Papa Francisco já mudou a Igreja", afirma cardeal Schönborn

Ano 32 | nº 234 Fevereiro e Março 2014

NÃO DEVEMOS
TER MEDO
DA BONDADE
E TERNURA

PAPA FRANCISCO

19/03/2013. Missa de Abertura de Pontificado



"É fascinante ver como o Papa Francisco está encorajando, revivendo e renovando a Igreja. Nosso encontro com ele foi uma excelente lição sobre como viver o Evangelho hoje", disse o cardeal Christoph Schönborn, de Viena, depois de uma audiência de 90 minutos com o papa durante a visita ad limina dos bispos austríacos ao Vaticano na última semana de janeiro.

A reportagem é de Christa Pongratz-Lippitt, correspondente austríaca para a revista católica semanal The Tablet, publicada no sítio National Catholic Reporter, 07-02-2014. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Os bispos austríacos também levaram a Roma os resultados do recente questionário feito pelo Vaticano. As respostas mostraram que 95% daqueles que responderam o questionário na Áustria são a favor de que os católicos divorciados e recasados recebam os sacramentos.

O tema das relações familiares hoje e de como a Igreja deve lidar com elas desempenharam um papel importante na reunião de 30 de janeiro com o papa, disse o cardeal Schönborn. "Nós não podemos falar sobre as pessoas sem falar das famílias", disse Francisco, explicando que foi por isso que o tema do próximo Sínodo dos Bispos, em outubro, havia sido alterado de bioética para a família.

Francisco falou sobre a sua experiência na América Latina, onde a situação do casamento e da família era, até certo ponto, "muito mais dramática" do que na Europa, comentou Schönborn. É importante perceber que, hoje, muitos casais vivem

juntos sem se casar e sem ter filhos, e mais tarde se casam em um cartório, onde alguns optam por um casamento na Igreja, explicou o papa. A Igreja deve considerar seriamente esse modo de vida e acompanhar os casais em seu caminho, sublinhou Francisco. Sua mensagem básica foi: "Não julgue, mas olhe de perto e ouça com muito cuidado", disse Schönborn.

Em várias entrevistas pouco antes de deixar Viena, Schönborn defendeu uma abordagem mais racional e prática no que diz respeito às relações familiares. "Em sua maior parte, a Igreja aborda a questão [da família] de uma maneira não histórica", disse ele. "As pessoas sempre viveram juntas de várias maneiras. E hoje, nós, na Igreja, convivemos com o fato de que a maioria dos nossos jovens, incluindo aqueles com laços estreitos com a Igreja Católica, vivem juntos muito naturalmente. O simples fato é que o ambiente mudou".

Schönborn, "de maneira alguma", queria defender a mudança do direito canônico, mas apenas mostrar o quão difícil era alinhar o modelo de família ideal com a realidade. "O ponto decisivo não é condenar o modo como a maioria das pessoas realmente vivem juntas, mas se perguntar: 'Como vamos lidar com o fracasso?', disse.

Enquanto "os desejos, as esperanças e as aspirações da maioria das pessoas, em grande parte, correspondem ao que a Bíblia e a Igreja pregam sobre o casamento e a família" e elas anseiam por um relacionamento de sucesso e uma vida familiar bem sucedida, a vida real mostra uma história diferente, disse o cardeal. "O

grande desafio é estender uma ponte entre o que almejamos e que conseguimos alcançar." Foi a defesa de trazer a verdade e a misericórdia juntas, disse ele.

Schönborn disse que lamentava que os bispos austríacos não se atreveram a falar abertamente sobre as reformas necessárias da Igreja no passado. Eles não tiveram a coragem de abordar a necessidade de uma maior descentralização e de fortalecer a responsabilidade das igrejas locais, disse. "Estávamos muito hesitantes. Eu bato no meu próprio peito aqui. Nós certamente não tivemos a coragem de falar abertamente."

Os bispos austríacos também discutiram com o papa sobre a Iniciativa dos Párcos Austríacos, que apelou para a ordenação de homens e mulheres casados, e sobre o seu Apelo à desobediência, disse Schönborn. O papa aconselhou-os de que a coisa mais importante para os bispos é sempre estar em estreito contato com os seus sacerdotes, disse o cardeal.

Schönborn disse que estava convencido de que a reforma da Igreja estava a caminho, "mas ela não será alcançada por meio de grandes palavras e programas, mas sim mediante de pessoas como o Papa Francisco". Já se pode ver que o papa tornou-se um modelo, disse Schönborn. "O clima está mudando e o seu comportamento se faz sentir", disse. O que mais o impressionou sobre o papa foi o seu carisma. "Você pode sentir a sua devoção interior por Deus, do qual emanam a sua compaixão, seu calor e seu contagiante senso de humor", disse o cardeal.

Christa Pongratz-Lippitt

ÍNDICE

QUESTIONÁRIO DE
38 PERGUNTAS
PÁG 04 E 05

O QUE DIZEM DE
FRANCISCO
PÁG 05

A ACEITAÇÃO DA MORTE

ESTAMOS NUM
VOO CEGO
PÁG 06

A IGREJA ESTÁ DISTANTE
DEMAIS DOS FIÉIS
PÁG 07

MEDO DA HIPNOSE?
PÁG 08

DISCERNIMENTO E
RESPONSABILIDADE
PÁG 04

CARTA DO 15º ENCONTRO
NACIONAL DE
PRESBITEROS
PÁG 10 E 11

PSICOTERAPEUTA PEDE
QUE O CELIBATO SEJA
FACULTATIVO
PÁG 12

HELDER CÂMARA, UM
HOMEM UNIVERSAL
PÁG 13

DESCUBRA O SEGREDO
DOS CASAMENTOS
FELIZES

SALMOS: A ANATOMIA DA
ALMA HUMANA
PÁG 14

CONHEÇA OS DEFEITOS
DOS CHEFES
PÁG 15

EDITORIAL

A migas e amigos, cruzamos o ano 2014. Com a graça de Deus e com nossos cuidados corporais e espirituais. Centenas de milhares, no entanto, passaram para a 2ª vida.

E nós, chegaremos ao final deste ano? É pergunta sem resposta...então vamos aproveitar muito bem todos os dias que a vida terrestre nos conceder.

Em abril recordaremos e reviveremos a vida, morte e ressurreição de nosso irmão Jesus Cristo. Com ele procuraremos traçar a direção de nossas vidas, em busca de nossa total realização.

Em início de março 16 membros da Diretoria da Associação Rumos (AS)

se encontrarão em Londrina PR a fim de preparar o XXº Encontro Nacional do MFPC de 2015. Os 16 pagarão generosamente de seus bolsos as despesas de viagem e hotel. Vocês poderão ler as conclusões em nosso site www.padrescasados.org

Nosso jornal RUMOS ainda sobrevive, graças à colaboração financeira de quem renovou anuidade como sócio da AR (150,00) ou assinante do jornal (40,00). E de alguns novos. Você foi um desses??? Se sim, parabéns, e continue! Se não, imite-os, por favor!

3 jornais enviados por correio foram-me devolvidos por "mudança de endereço". Peço que me avisem, se e quando isso lhes acontecer. Por e-mail (abaixo) ou telefone (47-99835537).



Refaço a todos o convite, para sobrevivência de nosso jornal Rumos: conquistem 2 ou mais assinantes e/ou sócios! Do contrário teremos o mesmo infeliz desfecho de nosso irmão jornal "Linha de frente"! Como pagar, ver nesta página 2, embaixo, em Expediente.

Aceitem meu confiante abraço

Giba
gilgon@terra.com.br

Carta do Presidente aos leitores

Caros coirmãos, cunhadas e sobrinhos, saúde e paz!

O nosso mundo vive um processo acelerado de mudanças, e em quase todos os cantos do planeta se presenciam crises econômicas, sociais, éticas, políticas, religiosas e até mesmo climáticas.

A natureza grita de todas as formas, e de certa forma nos sinaliza que o ser humano precisa mudar seus hábitos e atitudes. A mudança de alguns hábitos talvez seja possível, mas a mudança de atitudes é a mais desafiadora para todos nós, acostumados a presenciar cenas midiáticas que degradam cada vez mais a figura humana.

Neste sentido pergunto: como enxergar no ser humano a imagem

de Deus? Que caminhos teremos que percorrer para que sejamos sinais da ressurreição? Com quais instrumentos faremos a passagem de tantos momentos tenebrosos para uma vida nova, onde possamos nos respeitar e nos amar?

É exatamente com estas reflexões que desejamos vivenciar tantos ritos previstos em 2014, onde a esperança em cada coração precisa ser mantida e alimentada. Os momentos de crises existem e provam que estamos vivos e dispostos a vencer todas as barreiras.

A Coordenação Nacional do MFPC e convidados estarão reunidos em Londrina PR no período de carnaval, justamente para unirmos forças e encontrarmos saídas para novos rumos.

É diante dos



percalços da vida que devemos mostrar que a nossa espiritualidade foi alicerçada sobre a rocha e teremos claro que juntos seremos mais fortes e de cabeça erguida, tendo fé na vida, fé no homem, fé no que virá.

Desejamos a todos os nossos assinantes e simpatizantes um início de ano pleno de realizações.

Feliz Páscoa!

José Edson
Presidente do
MFPC/AR

MANUAL REALIZADOR PARA 2014

Saúde:

1. Beba muita água;
2. Coma mais o que nasce em árvores e plantas, e menos comida produzida em fábricas;
3. Viva com os 3E's: Energia, Entusiasmo e Empatia;
4. Arranje tempo para orar;
5. Leia mais livros do que leu em 2013;
6. Sente-se em silêncio 10 minutos por dia;
7. Durma 8 horas por dia;
9. Faça caminhadas de 20-60 minutos por dia, e enquanto caminha sorria.

Personalidade:

10. Não compare a sua vida a dos outros;
11. Tenha pensamentos positivos: tudo vai dar certo...
12. Mantenha-se nos seus limites;
13. Não se torne demasiadamente sério;
14. Sonhe mais;
15. Esqueça questões do passado.
16. A vida é curta precisa ser bem vivida.
17. Faça as pazes com o seu passado para não estragar o seu presente;
18. Ninguém comanda a sua felicidade a não ser você;
19. Tenha consciência que a vida é uma escola e que está nela para aprender. Sorria!
20. Não é necessário ganhar todas as discussões; aceite também a discordância.



Sociedade:

21. Entre mais em contato com seus familiares;
22. Dê, diariamente, algo de bom aos outros;
23. Perdoe a todos, por tudo;
24. De um tempo com pessoas acima de 70 anos e abaixo de 6.
25. Tente fazer feliz pelo menos uma pessoa por dia;
26. Não te diz respeito o que os outros pensam de você;

A Vida:

27. Faça o que é correto;
28. Desfaça-se do que não é útil;
29. DEUS cura tudo;
30. O melhor ainda está para vir;
31. Quando acordar pela manhã, agradeça a DEUS pela graça da vida;
32. Mantenha seu coração sempre feliz.

PADRE MARIANO CALLEGARI

Este atualizado padre emérito, 81 anos, de Caxias do Sul RS, envia à redação do jornal muitos depoimentos e fotos.

Lamento não poder publicar tudo.

Diz ele: "peço que publique nas páginas do jornal Rumos, que é portavo dos padres casados, que adoram viver com suas esposas que fazem tanto bem à Igreja".

Diz também: "grande razão de poucos padres e muitos com vida dupla é o celibato obrigatório. Deus inaugurou o Novo Testamento através da família Maria, José e Jesus. Por isso o mundo atual bota fé na família sacerdotal: padre, esposa e filhos".

E conclui: "esperamos que o Papa abra as portas da Igreja e cancele o celibato obrigatório. E que mulheres ingressem no sacerdócio.

Grato, Pe. Mariano!
Giba redator



O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Diretoria Executiva da Associação Rumos:
biênio 2010/2012

Presidente: José Edson da Silva
Vice-Presidente: Maria Lucia de Moura
1º Secretário: José Carlos P. S. de Andrade
2º Secretário: Rosa Silvério. De Andrade
1º Tesoureiro: Enoch Brasil de Matos Neto
2º Tesoureiro: Maria de Fátima Lima Brasil

Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres Casados e suas Famílias:
Presidente da AR - José Edson da Silva
Coordenadores do XX Encontro Nacional: Armando e Altiva Holyszewski
Moderador do e-grupo padrescasados: João Correia Tavares
Coordenadores do site www.padrescasados.org: Gilberto Luiz Gonzaga
Coordenadora do Grupo de viúvas e Viúvas: Benizzeth Zorthea
Coordenadores do Grupo dos jovens do MFPC: José E. Rolim Mota e Rejane
E-mail para enviar matérias para o site: tavaresj@elo.com.br
Representante internacional
Armando Holocheski
Coordenador da comissão de teologia
Francisco Salatiel A. Barbosa
Assessor Jurídico e Curador do Patrimônio da AR:
Antônio Evangelista Andrade
Assessores bíblico-teológicos:
Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencken
Obs. - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.

Conselho Fiscal da AR: Joarez Virgolino Aires e Ausilia Moraes Aires (PR), Luís Guerreiro Pinto Cacaís e Irene Ortlieb Guerreiro Cacaís (DF) e Fernando Spagnolo e Telma Araujo de Oliveira Spagnolo (DF).

JORNAL RUMOS:
Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga
Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo
Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, artigos, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Porto Belo SC, fone 47- 9983-5537. Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual:

Assinatura anual: R\$ 40,00 (quarenta reais)
Pagamento pelo Agência: Banco do Brasil 3515-7 Conta Corrente: 13786-3
CNPJ: 02.618.544/0001-47 (NECESSÁRIO QUANDO ENVIADO DE OUTRO BANCO)
Comunique imediatamente ao nosso tesoureiro Enoch Brasil de Matos Neto por e-mail enochbrasil@yahoo.com.br, ou telefone 85-32468126 - 85-89554114 - 85-96362026 (Tim)
Associação Rumos: Anuidade de sócio - 150,00 (138,00 + 12,00 para Fundo de mútua ajuda);

Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no
Agência: Banco do Brasil 3515-7 Conta Corrente: 13786-3

PÁGINA DOS LEITORES

Agradeço seus comentários.
Desejo a vocês e a todos os
leitores uma feliz e Santa
PÁSCOA.

Giba editor

Oi querido amigo, vamos ler todo o jornal Rumos eletrônico que nos enviou. Quanto à assinatura vamos pensar; este ano foi o ano da economia!

Regina Mota

reginatollermotta@yahoo.com.br

Muito agradecida pelo envio online do Jornal Rumos! Está ótimo, sempre divulgando o melhor!

Gostei também por publicar o artigo Uma Peregrinação a-dois do Pe. Marcos. Disponham sempre dos artigos dele que estão no Blog www.padrejosemarcosbach.blogspot.com.br

É preciso que haja sempre uma maior conscientização e um assumir mais evangélico da Vida. Grande e amistoso abraço!

Maria Célia Bach

celiabach@gmail.com

Muchas gracias hermano "Gilgon": es un placer estar en contacto. Espero que Nuestro Padre Dios nos siga manteniendo unidos. La ausencia de NUESTRA QUERIDA MADRE CLELIA nos sirva para seguir adelante en este duro trágico por una NUEVA IGLESIA. Ella estamos seguros que ya está en un lugar desde donde nos ayudará junto a Jerónimo. Con mucho afecto.

Oswaldo Cunalata

pacolinor@yahoo.es

Irmãos e amigos. Em nome do Diretor e Editor Gilberto Gonzaga, Giba, estou enviando a edição nº 233 do Jornal Rumos, do Movimento das Famílias dos

Amigo(a) motorista

Esta Mantra abaixo já livrou a mim e muitos outros motoristas de graves acidentes.

Copie-a e cole-a em seu carro

Giba Editor



OBRIGADO, MEU DEUS, POR PERMITIR QUE EU DIRIJA ESTE CARRO QUE É SEU. E ELE ME TRANSPORTE COM ABSOLUTA SEGURANÇA PARA ONDE EU QUEIRA IR. MUITO OBRIGADO!!!

Padres casados do Brasil - MFPC.

Leia, comente, colabore com artigos. Se puder e quiser, faça sua assinatura. Para manter a edição impressa do Jornal Rumos, precisamos, pelo menos, duplicar o número de assinaturas, atualmente no valor de R\$ 40,00. Confira como fazer no EXPEDIENTE (fim da p. 2).



João Tavares
tavaresj@elo.com.br

Amigo Giba, gostaria que, a bem da verdade, você retificasse a afirmação do Francisco Rezende de que foi ele que lhe passou o jornal Rumos. Poderá fazê-lo na próxima edição com o mesmo espaço ocupado pelo Francisco para estampar sua mentira!

Porque ele está dizendo isso? Será que está ficando gagá ou atacado de manias de grandeza?! Por que está ele me ignorando? Sei que não fiz grande coisa, mas a verdade deve sempre prevalecer. Porque o Francisco resolveu ignorar minha modesta contribuição?

Não gostei e fiquei muito chateado com essa presunção. Sic Locutus est Virgolino.

Joarez Virgolino Aires

virgolino.virgolino@yahoo.com.br

Caro Gilberto: Virgolino está coberto de razão. Foi para ele que passamos o JR, lá em Luziânia. Tenho grande apreço pelo Virgolino e por você. Jamais tive a intenção de tergiversar.

Pode até mesmo ser verdade que estou ficando gagá. Após colocar 3 safenas e uma mamária (em 8.10.13), sofrer uma infecção hospitalar, que me obrigou a um retorno de 8 dias ao hospital. Quando esta foi curada surgiu uma erisipela, de que ainda estou me restabelecendo.

Apenas tentei lembrar a situação do JR quando estive sob a responsabilidade do grupo de S. Paulo, uma equipe que tinha como Jornalista Responsável o Fábio França..

Peço desculpas ao Virgolino se omiti a sua participação ou o contristei.

Agradeço ao Virgolino e a você a memória dos fatos. Um abraço.

Francisco de Assis Resende

fassisresende@uol.com.br

Muito legal essa edição, Giba.

Importante a reportagem sobre o "cloreto de magnésio".

George Rohrbacher

adv_george@yahoo.com.br

Gilberto: MIL gracias por el envío de RUMOS. Aunque sin entender mucho he repasado todo con gran gusto y deleite. Hacía varios años que no lo recibía. Me encantó el artículo sobre SACERDOCIO DE LAS MUJERES. Nuestras mujeres viven realmente enamoradas de Jesús!

Gracias por todo. Por tenernos presentes.

Autor peruano

FELIZ NAVIDAD Y PROSPERO AÑO NUEVO PARA TODOS NUESTROS HERMANOS DEL BRASIL del Grupo Mosacar (Movimiento de Sacerdotes Católicos de Cartagena de Indias). Abrazos,

Ramiro Pineda Salazar Y Nora

rpineda35@hotmail.com

Olá Professor, recebi o jornal Rumos 233 sim. Gostei bastante!

Sidnei

ideal@turismoideal.com.br

Amigo Gil, quanto ao futuro do nosso jornal Rumos, continuo com a profecia da minha esposa Ausilia que, desde o início, sentenciou: Giba continuará editor in saecula saeculorum, amém.

Que minha madrinha, a Senhora da Conceição nos obtenha um Natal com muito amor e carinho.

E que, junto a Aglêsia e neta, te dê firmeza para que com o sólido Tavares mantenham com pulso o timão de nossa mídia!

Joarez Virgolino Aires

virgolino.virgolino@yahoo.com.br

Gostei do Jornal Rumos 233. Chamaram-me atenção as tantas receitas para a saúde... sinal de que se fazem necessárias.

Padre José Besen

jabesen@terra.com.br

Queridos manos que tão gentilmente ambos me/nos no-lo enviaram, aconselhando uma "Boa leitura!": PARABÉNS!

Desta vez senti necessidade de responder só depois da tal leitura prévia - "em diagonal".

Aprecio -o sempre na principal característica - a linha profética! Estão e são todas as páginas com assuntos muito importantes- "cada macaco no seu galho", recordando um feedback que na minha terra (se) utilizava muito (Luanda). Os artigos sobre o celibato opcional e a(s) página(s) da mulher são

fundamentais!

Que piada achei ao artigo na página 7 - Necessitamos de outros bispos, nesta opinião: "(...) alguns tenham torcicolos de tanto olhar para Roma", "de José Maria Castillo, em artigo publicado em seu blog: Teologia Sin Censura". Um desafio para consultá-lo mesmo!

Que Leonard Boff não deixe nunca de escrever e de integrarem um artigo seu no Jornal!

Autor desconhecido

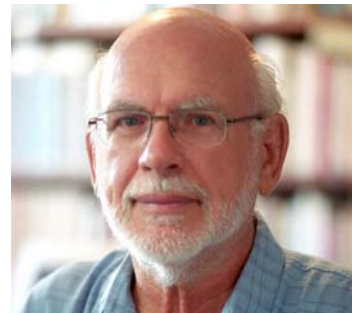
SE NATAL É o VERBO AMAR conjugado no presente, que 2014, sendo um ano novo, SEJA O VERBO AMAR a conjugar no futuro. Então, que o seu espírito esteja e seja sempre PRESENTE, porque JESUS foi, é, e será o melhor PRESENTE que DEUS deu ao MUNDO!

Um abraço fraterno da Associação FRATERNITAS MOVIMENTO <http://fraternitasmovimento.blogspot.pt/>

A secretária, Urtélia

secretariado.fraternitas@gmail.com

Giba, parabéns por mais esse número de Rumos. Bem programado e bem editado: parabéns. Aproveito para lhe desejar um bom Natal e Ano Novo, desde já, e muito entusiasmo para levar adiante essa importante missão. Um abraço,



Eduardo Hoornaert

e.hoornaert@yahoo.com.br

Obrigado Giba,
Parabéns pelo Rumos, do MFPC
Saudades, abraço,

Luciano

contato@lucianosampaio.com.br

Prezado Giba, sou assinante desse "pequeno grande" Jornal, cujas matérias honram e engrandecem o seu corpo editorial. Pago a anuidade de 2014, com sinceros votos em prol da continuidade desse periódico que tanto tem servido à comunidade dos padres casados bem como aos demais simpatizantes.

Não gostaria que "Rumos" tivesse o mesmo destino do "Linha de Frente".

"Prá frente Rumos", precisamos de você!

Eduardo Lessa Guimarães

Salvador BA

QUESTIONÁRIO DE 38 PERGUNTAS

Com meus votos de que nossos bispos e párocos comecem a falar amplamente sobre esse Questionário de 38 perguntas ou, melhor ainda, que famílias e grupos de famílias católicas se organizem, a partir da base, para discutirem esse magno e urgente assunto que, se for levado a sério, pode mexer com os EIXOS da Igreja e começar, de fato, a dar aos LEIGOS o seu protagonismo na Igreja, como cristãos adultos que são, no Espírito do cap. II da *Lumen Gentium*.

Não por delegação do papa, bispos ou padres, mas a partir da imensa e originária força proveniente do seu Batismo e Crisma, alimentada pela Palavra meditada e pela Eucaristia, sob o sopro contínuo do Espírito Santo que sopra onde quer e que não falta à Igreja dos filhos de Deus que caminham neste mundo.

Família é assunto em que os Leigos cristãos são bem mais entendidos do que o clero. E onde muitas "verdades teóricas, desencarnadas" se diluem, se relativizam e se ajustam continuamente.

E nós, Famílias dos Padres casados do Brasil, o que poderíamos fazer de específico, com nossa marca, em grupo, nacional ou estadual? Num jogo rápido, pela internet, bem que poderíamos combinar alguma coisa... Ou preferimos fazer por famílias?

Bom trabalho... e vamos às sugestões...

João Tavares
tavaresj@elo.com.br

Questionário

As seguintes perguntas permitem às Igrejas particulares participar ativamente na preparação do Sínodo Extraordinário, que tem a finalidade de anunciar o Evangelho nos atuais desafios pastorais a respeito da família.

1 - Sobre a difusão da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja a propósito da família

a) Qual é o conhecimento real dos ensinamentos da Bíblia, da *Gaudium et Spes*, da *Familiaris Consortio* e de outros documentos do Magistério pós-conciliar sobre o valor da família segundo a Igreja católica? Como os nossos fiéis são formados para a vida familiar, em conformidade com o ensinamento da Igreja?

b) Onde é conhecido, o ensinamento da Igreja é aceite integralmente. Verificam-se dificuldades na hora de o pôr em prática? Se sim, quais?

c) Como o ensinamento da Igreja é difundido no contexto dos programas pastorais nos planos nacional, diocesano e paroquial? Que tipo de catequese sobre a família é promovida?

d) Em que medida - e em particular sob que aspectos - este ensinamento é



realmente conhecido, aceite, rejeitado e/ou criticado nos ambientes extra-ecclesiais? Quais são os fatores culturais que impedem a plena aceitação do ensinamento da Igreja sobre a família?

2 - Sobre o matrimônio segundo a lei natural

a) Que lugar ocupa o conceito de lei natural na cultura civil, quer nos planos institucional, educativo e acadêmico, quer a nível popular? Que visões da antropologia estão subjacentes a este debate sobre o fundamento natural da família?

b) O conceito de lei natural em relação à união entre o homem e a mulher é geralmente aceite, enquanto tal, por parte dos batizados?

c) Como é contestada, na prática e na teoria, a lei natural sobre a união entre o homem e a mulher, em vista da formação de uma família? Como é proposta e aprofundada nos organismos civis e eclesiais?

d) Quando a celebração do matrimônio é pedida por batizados não praticantes, ou que se declaram não-crentes, como enfrentar os desafios pastorais que disto derivam?

3 - A pastoral da família no contexto da evangelização

Quais foram as experiências que surgiram nas últimas décadas em ordem à preparação para o matrimônio? Como se procurou estimular a tarefa de evangelização dos esposos e da família? De que modo promover a consciência da família como "Igreja doméstica"?

Conseguiu-se propor estilos de oração em família, capazes de resistir à complexidade da vida e da cultura contemporânea?

Na atual situação de crise entre as gerações, como as famílias cristãs souberam realizar a própria vocação de transmissão da fé?

De que modo as Igrejas locais e os movimentos de espiritualidade familiar souberam criar percursos exemplares?

Qual é a contribuição específica que casais e famílias conseguiram oferecer, em ordem à difusão de uma visão integral do casal e da família cristã, hoje credível?

Que atenção pastoral a Igreja mostrou para sustentar o caminho dos casais em formação e dos casais em crise?

4 - Sobre a pastoral para enfrentar algumas situações matrimoniais difíceis

a) A convivência *ad experimentum* é uma realidade pastoral relevante na Igreja particular? Em que percentagem se poderia calculá-la numericamente?

b) Existem uniões livres de fato, sem o reconhecimento religioso nem civil? Dispõem-se de dados estatísticos confiáveis?

c) Os separados e os divorciados recasados constituem uma realidade pastoral relevante na Igreja particular? Em que percentagem se poderia calculá-los numericamente? Como se enfrenta esta realidade, através de programas pastorais adequados?

d) Em todos estes casos: como vivem os batizados a sua irregularidade? Estão conscientes da mesma? Simplesmente manifestam indiferença? Sentem-se marginalizados e vivem com sofrimento a impossibilidade de receber os sacramentos?

e) Quais são os pedidos que as pessoas separadas e divorciadas dirigem à Igreja, a propósito dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação? Entre as pessoas que se encontram em tais situações, quantas pedem estes sacramentos?

f) A simplificação da praxe canônica em ordem ao reconhecimento da declaração de nulidade do vínculo

matrimonial poderia oferecer uma contribuição positiva real para a solução das problemáticas das pessoas interessadas? Se sim, de que forma?

g) Existe uma pastoral para ir ao encontro destes casos? Como se realiza esta atividade pastoral? Existem programas a este propósito, nos planos nacional e diocesano? Como a misericórdia de Deus é anunciada a separados e divorciados recasados e como se põe em prática a ajuda da Igreja para o seu caminho de fé?

5 - Sobre as uniões de pessoas do mesmo sexo

a) Existe no vosso país uma lei civil de reconhecimento das uniões de pessoas do mesmo sexo, equiparadas de alguma forma ao matrimônio?

b) Qual é a atitude das Igrejas particulares e locais, quer diante do Estado civil promotor de uniões civis entre pessoas do mesmo sexo, quer perante as pessoas envolvidas neste tipo de união?

c) Que atenção pastoral é possível prestar às pessoas que escolheram viver em conformidade com este tipo de união?

d) No caso de uniões de pessoas do mesmo sexo que adotaram crianças, como é necessário comportar-se pastoralmente, em vista da transmissão da fé?

6 - Sobre a educação dos filhos no contexto das situações de matrimônios irregulares

a) Qual é nestes casos a proporção aproximativa de crianças e adolescentes, em relação às crianças nascidas e educadas em famílias regularmente constituídas?

b) Com que atitude os pais se dirigem à Igreja? O que pedem? Somente os sacramentos, ou inclusive a catequese e o ensinamento da religião em geral?

c) Como as Igrejas particulares vão ao encontro da necessidade dos pais destas crianças, de oferecer uma educação cristã aos próprios filhos?

d) Como se realiza a prática sacramental em tais casos: a preparação, a administração do sacramento e o acompanhamento?

7 - Sobre a abertura dos esposos à vida

a) Qual é o conhecimento real que os cristãos têm da doutrina da Humanae Vitae a respeito da paternidade responsável? Que consciência têm da avaliação moral dos diferentes métodos de regulação dos nascimentos? Que aprofundamentos poderiam ser sugeridos a respeito desta matéria, sob o ponto de vista pastoral?

b) Esta doutrina moral é aceite? Quais são os aspectos mais problemáticos que tornam difícil a sua aceitação para a grande maioria dos casais?

c) Que métodos naturais são promovidos por parte das Igrejas particulares, para ajudar os cônjuges a pôr em prática a doutrina da Humanae Vitae?

d) Qual é a experiência relativa a este tema na prática do sacramento da penitência e na participação na Eucaristia?

e) Quais são, a este propósito, os contrastes que se salientam entre a doutrina da Igreja e a educação civil?

f) Como promover uma mentalidade mais aberta à natalidade? Como favorecer o aumento dos nascimentos?

8 - Sobre a relação entre a família e a pessoa

a) Jesus Cristo revela o mistério e a vocação do homem: a família é um lugar privilegiado para que isto aconteça?

b) Que situações críticas da família no mundo contemporâneo podem tornar-se um obstáculo para o encontro da pessoa com Cristo?

c) Em que medida as crises de fé, pelas quais as pessoas podem atravessar, incidem sobre a vida familiar?

9 - Outros desafios e propostas

Existem outros desafios e propostas a respeito dos temas abordados neste questionário, sentidos como urgentes ou úteis por parte dos destinatários?

Para onde enviar as respostas:

O questionário respondido pode ser enviado para os seguintes endereços:

Conferência Nacional dos Bispos do

Brasil - CNBB

SE/Sul Quadra 801 Conjunto "B"

70.200-014

BRASÍLIA - DF

E-mail: secgeral@cnbb.org.br

Nunciatura Apostólica no Brasil

SES Avenida das Nações quadra 801

lote 1

CEP: 70.401-900 - Brasília / DF

Caixa Postal 153 CEP: 70.359-970

E-mail: nunapost@solar.com.br

Secretaria da Diocese

O questionário com as respostas também pode ser entregue na secretaria de sua diocese.

O QUE DIZEM DE FRANCISCO

Não há dúvida de que o Papa Francisco é hoje uma figura de impacto global, talvez a figura mais popular no mundo, na qual se põe mais esperança e confiança.

Foi proclamado como personalidade do ano 2013 pela revista Time, que escolhe, desde 1927, a pessoa que considera ter tido mais influência nas notícias em todo o mundo no respectivo ano. Designou-o como "o Papa das pessoas", concretizando que "o que o torna tão importante é a rapidez com que captou a esperança de milhões de pessoas que tinham abandonado toda a esperança na Igreja".

"É raro um novo ator internacional da cena mundial suscitar tanta atenção tão rapidamente, tanto entre os jovens como entre os mais velhos, entre os crentes ou os mais cépticos", declarou Nancy Gibbs, diretora da redacção da revista.

Também o diário francês Le Monde o escolheu como personalidade do ano 2013, afirmando que "não é absurdo falar de "papamania", exaltando a mensagem que Francisco encarna e acrescentando: "Entre os crentes, está presente sem dúvida a alegria de recuperar as origens da mensagem cristã. Os outros estão seduzidos por algo que se parece com a modernidade, pelo menos no discurso".



Após um pontificado "crepuscular e quase depressivo" de Bento XVI, com Francisco chegou um homem que "suscita uma simpatia quase universal", que dá a impressão de devolver ao seu cargo autoridade moral e credibilidade, tão urgentes para a Igreja e para um mundo melhor. Diz-me um grande professor de Medicina, racional e não beato: em 2013, a eleição de Francisco foi o acontecimento que mais alegria me trouxe. E gente que andava afastada da prática religiosa voltou. As estatísticas dizem-no: na Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Itália, América

Latina, constata-se um aumento de fiéis nas missas, chegando esse aumento a uns 20%, segundo o The Sunday Times.

Sobre o Papa Francisco grandes figuras se têm pronunciado. O nobel de Literatura Mário Vargas Llosa declarou recentemente: "Tenho muito boa opinião do Papa. Está a fazer um esforço que oxalá se traduza em reformas reais para modernizar a Igreja, para lhe devolver a força moral que teve nalgumas épocas e que foi muito importante".

"Para The Guardian, Francisco poderia substituir Barack Obama como o rosto da

esquerda". "É o homem com maior número de buscas na internet em 2013." Para ele, "o que conta não é a instituição, mas a missão". "Poderá não ter um exército nem batalhões, mas tem um púlpito e neste momento está a usá-lo para ser a voz mais clara e contundente do mundo contra o status quo".

"O próprio Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, afirmou estar "muito impressionado com os pronunciamentos" do Papa Francisco, com a sua "humildade", "empatia com os pobres", apoiando o que diz com obras". "Creio que,

primeiro e sobretudo, pensa em acolher as pessoas e não em rejeitá-las, procura o que nelas é bom, em vez de condená-las", sublinhou Obama.

"Um novo animal político está a impor-se na cena mediática mundial", escreveu Sylvie Kaufmann, directora editorial do Le Monde. "Visibilidade ótima, sorriso cálido, verbo hábil, mensagem com impacto, o Papa Francisco conquistou, em poucos meses, uma audiência que supera amplamente a dos seus fiéis. Aos 77 anos, tem inquestionavelmente isso que os profissionais norte-americanos das relações públicas chamam o star power. Fala muito e livre. Beija, acaricia, diz piadas, escreve cartas, chama ao telefone, tuíta, o mais importante, surpreende." Nenhum tema o assusta.

"Será Francisco o Papa do renascimento da comunidade católica? "O famoso escritor Umberto Eco definiu-o como "o Papa da globalização", dizendo numa entrevista: "Estou convencido de que Francisco está a representar um fato absolutamente novo na história da Igreja e, talvez, na história do mundo." Como semiólogo, considera que "é um homem moderno, é o Papa da internet". O Papa Francisco levará a bom termo o seu desígnio?

Pe. Anselmo Borges



Associação Rumos

Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

www.padrescasados.org

A ACEITAÇÃO DA MORTE: ENTRE A DISTANÁSIA E A EUTANÁSIA

As vezes nós, católicos, tendemos espiritualizar tanto algumas questões, que esquecemos da sua conexão com a realidade e da necessária coerência com a razão, com a ética e com a ciência positiva. Com a reflexão sobre a questão da morte não é diferente. Morrer é algo natural - a única certeza que temos é de que um dia morreremos.

Em novembro do ano passado falávamos da morte como uma porta pela qual passamos desta vida para outra - muitas vezes nos fixamos tanto na porta que esquecemos o que existe do outro lado.

Desta vez refletiremos sobre uma questão mais técnica relacionada à morte: a consideração sobre a aceitação da mesma. Certamente respeitamos e defendemos a vida em todas as suas etapas - da concepção à morte natural - mas também se faz necessário aceitar

o momento da morte.

As duas posturas extremas nesta questão - e como extremas, equivocadas - seriam a obstinação terapêutica por um lado e a eutanásia por outro.

A obstinação terapêutica ou distanásia seria utilizar meios desproporcionais para a manutenção da vida, comprometendo os bens e a própria qualidade de vida da pessoa sem esperanças de resultados significativos. Conhecemos muitos casos de pessoas que, sabendo de seu estado terminal, utilizaram de meios que seriam incapazes de curá-la, simplesmente para manter a vida por mais alguns dias ou semanas.

O oposto contrário seria a eutanásia, através da qual, por uma ação direta ou por uma omissão de uma ação devida, a pessoa morre. Aqui não se trata de uma mera aceitação da morte, mas sim de um protagonismo na decisão



da morte - repito, seja por uma ação direta ou por uma omissão. Por exemplo, um paciente em coma ou em estado vegetativo necessita ser hidratado (receber água) e nutrido (receber comida). Seria eutanásia - assassinato - remover a hidratação e nutrição de um paciente neste estado, pois a pessoa não morreria pela sua

doença, mas sim de fome e de sede.

O meio termo, que neste caso é a atitude correta, seria o que se chama de ortotanásia. Trata-se simplesmente de aceitar a morte no momento em que já não sejamos mais capazes de lutar contra a mesma. Podemos tomar como exemplo uma pessoa com câncer - após várias quimioterapias com pouco êxito, a pessoa pode renunciar a uma seguinte, aceitando que chegou a sua hora e preparando-se para morrer.

A consideração de quais meios de tratamento seriam ou não proporcionais possui alguns elementos objetivos, mas também cabe um certo grau de subjetividade - de acordo com as circunstâncias de cada um, alguns procedimentos podem ser considerados desproporcionais para uma pessoa e proporcionais para outra. Por essa razão deve haver uma profunda cooperação

entre o médico e o paciente, para encontrarem, juntos, qual a justa razão para cada caso.

Por fim, faz-se necessário considerar também os tratamentos paliativos. Em um paciente terminal - independente da renúncia ou não de tratamentos - sempre se faz necessário ajudar a pessoa a suportar a dor e os desconfortos causados pela doença que padece. O conforto físico ajuda a pessoa a preparar-se devidamente para a morte, despedindo-se de seus seres queridos, recebendo os últimos sacramentos e despedindo-se desta etapa da vida. Em muitos casos faz-se inclusive necessária a sedação - mas seria importante que esta etapa de despedida e de preparação fosse realizada antes de tal procedimento e que a pessoa fosse consciente de seu estado.

Pe. Hélio Tadeu L. Oliveira,
Mestre em Moral e Bioética,
e doutorando em Bioética.

ESTAMOS NUM VOO CEGO: PARA ONDE VAMOS?

"Somos ungidos a mudar de rumo, vale dizer, assumir novos princípios e valores, capazes de organizar de forma amigável nossa relação para com a natureza e para com a Casa Comum. O documento mais inspirador é seguramente a Carta da Terra, nascida de uma consulta mundial que durou oito anos, sob a inspiração de Michail Gorbachev e aprovada pela UNESCO em 2003", escreve Leonardo Boff, teólogo, filósofo e escritor.

Eis o artigo.

Quem leu meus dois artigos anteriores O funesto império mundial das corporações e Uma governança global da pior espécie: os mercadores terá seguramente concluído que na única nave espacial - Terra, seus passageiros viajam em condições totalmente diferentes. Um pequeno grupo de super ricos ocuparam para si a primeira classe com um luxo escandaloso; Outros felizardos ainda viajam na classe econômica e são servidos razoavelmente de comida e bebida. O resto da humanidade, aos milhões, viaja junto às bagagens sujeita ao frio de dezenas de graus abaixo de zero, semimortos de fome, de sede e no desespero. Esmurram as paredes dos de cima, gritando: ou repartimos o que temos nesta única nave espacial ou, num certo momento, acabará o combustível

e pouco importa as classes, morreremos todos. Mas quem os escutará? Impassíveis dormem depois de um lauto jantar.

Metaforicamente esta é a situação real da Humanidade. Na verdade, estamos perdidos e num voo cego. Como chegamos a esta situação ameaçadora?

Temos experimentado dois modelos de produção e de utilização dos bens e serviços naturais para atender as demandas humanas: o socialismo e o capitalismo. Ambos fracassaram. Não cabem detalhes os dados. O sistema do socialismo real era de economia de planejamento estatal centralizado.

Chegou a níveis razoáveis de igualdade-equidade nos campos da educação, da saúde e da moradia mas, por razões internas e externas, especialmente por seu caráter ditatorial não conseguiu resolver suas contradições e ruir.

O sistema capitalista neoliberal de mercado livre com parco controle do Estado também fracassou em razão de sua lógica interna, a de acumular de forma ilimitada bens materiais sem qualquer outra consideração. Produziu duas injustiças graves: uma social a ponto de 20% dos mais ricos controlarem 82,4% das riquezas das Terras e os 20% mais pobres devendo-se contentar com 1,6%; e outra injustiça ecológica devastando inteiros ecossistemas e eliminando espécies de seres

vivos na ordem entre 70-100 mil por ano. Este sistema quebrou em 2008 exatamente no coração dos países centrais.

O comunismo chinês é sui generis: pragmaticamente combina todos os modos de produção, desde o uso da força física das pessoas, dos animais, até a mais alta tecnológica, articulando a propriedade estatal com a privada ou mixta, desde que o resultado final seja uma maior produção com mínimo sentido de justiça social e ecológica.

Mas importa reconhecer que está crescendo o convencimento bem fundado de que o sistema-Terra limitado em bens e serviços, pequeno e superpovoado já não suporta um projeto de crescimento ilimitado. Ele perdeu as condições de repor o que lhe tiramos, por isso se torna cada vez mais insustentável. Mas por ser uma super entidade viva, a Terra reage de forma cada vez mais violenta: mudanças climáticas bruscas, furacões, tsunamis, degelo, desertificação espantosa, erosão da biodiversidade e um aquecimento global que não para de aumentar. Quando vai parar esse processo? Se continuar para onde nos vai levar?

Somos ungidos a mudar de rumo, vale dizer, assumir novos princípios e valores, capazes de organizar de forma amigável nossa relação para com a natureza e para com a Casa Comum. O documento mais inspirador é



seguramente a Carta da Terra, nascida de uma consulta mundial que durou oito anos, sob a inspiração de Michail Gorbachev e aprovada pela UNESCO em 2003. Ela incorpora os dados mais seguros da nova cosmologia que mostram a Terra como um momento de um vasto universo em evolução, viva e dotada de uma complexa comunidade de vida. Todos os seres vivos são portadores do mesmo código genético de base de sorte que todos são parentes entre si.

Quatro princípios axiais estruturam o documento: o respeito e o cuidado pela comunidade de vida (1); a integridade ecológica (2); a justiça social e econômica (3); a democracia, a não violência e a paz (4). Com severidade adverte: ou formamos uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscamos a nossa destruição e a da diversidade de vida (preambulo).

As palavras finais do

documento apelam para uma retomada da humanidade: como nunca antes na história, o destino comum nos conchama a um novo começo. Isso requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. Só assim alcançaremos um modo de vida sustentável nos níveis local, regional, nacional e global (Conclusão).

Repare-se que não se fala de reformas, mas de um novo começo. Trata-se de reinventar a humanidade. Tal propósito demanda um novo olhar sobre a Terra (mente), vista como um ente vivo, Gaia, e uma nova relação de cuidado e de amor (coração), obedecendo à lógica universal da interdependência de todos com todos e da responsabilidade coletiva pelo futuro comum.

Este é o caminho a seguir que servirá de carta de navegação para a nave-Terra aterrissar segura num outro tipo de mundo.

Leonardo Boff

"A IGREJA ESTÁ DISTANTE DEMAIS DOS FIÉIS, MAS OS INOVADORES SÃO MAIORIA"

Entrevista com Hans Küng

"Agora, o Papa Francisco pode apelar à resposta da maioria dos fiéis sobre questões tão importantes no debate com os reacionários da Cúria. O Papa Emérito Bento XVI escreveu há pouco para mim, eterno rebelde, uma carta afetuosa em que se compromete a apoiar Francisco, esperando em cada sucesso seu." Em suma, substancialmente, é quase como dizer que Francisco é como Gorbachev, o homem novo contra os ortodoxos, mas com as pessoas ao seu lado".

Eis a voz de Hans Küng, máximo teólogo católico crítico vivo, sobre a pesquisa chocante publicada nesse domingo no jornal La Repubblica e sobre o seu efeito na Igreja.

A reportagem é de Andrea Tarquini, publicada no jornal La Repubblica, 10-02-2014. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

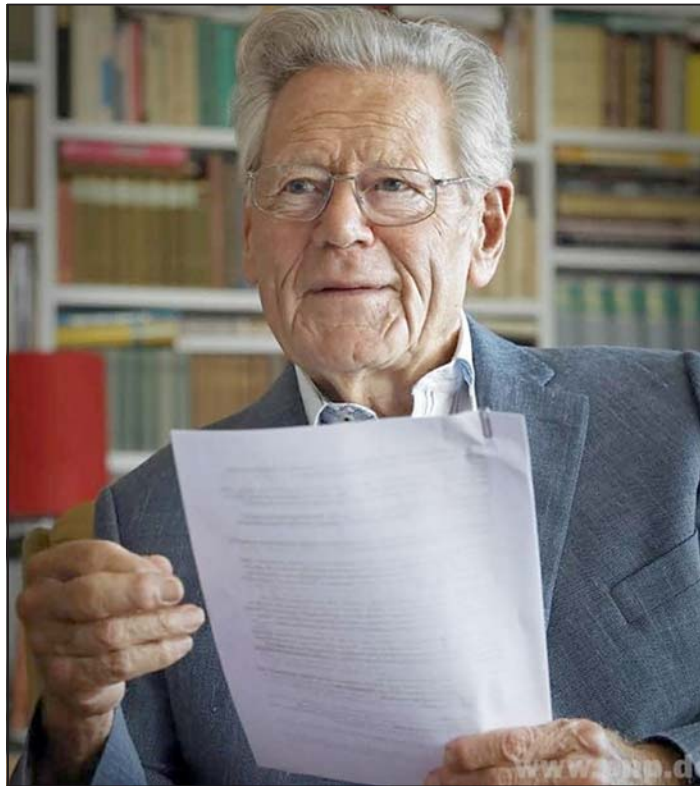
Eis a entrevista.

Professor Küng, como você avalia a sondagem sobre os cristãos no mundo?

Tomados conjuntamente e analisados, esses dados revelam a extraordinária discrepância entre os ensinamentos da Igreja sobre questões fundamentais, como a família, e, ao contrário, a visão real dos católicos no mundo.

Para você, entre os muitos resultados da sondagem, quais são os mais importantes?

Para mim, o mais importante é a imensa maioria de consensos para o Papa Francisco: 87% dos católicos entrevistados em todo o mundo e 99% dos italianos estão de acordo com ele. É uma enorme manifestação de confiança para o Sumo Pontífice. Para mim, é um pequeno milagre, depois dos anos da crise de confiança que tinha investido contra a Igreja nos anos do Papa Bento XVI. Agora, em menos de um ano, o Papa Francisco conseguiu inverter a tendência dos



sentimentos dos fiéis de todo o mundo.

E o Papa Emérito Bento XVI, a seu ver, ficará feliz ou triste com a resposta da sondagem?

Naturalmente, ver esses resultados irá lhe entristecer, especialmente repensando hoje nos últimos meses vividos por ele como pontífice, no seu mandato. Mas, seguramente, ele irá se alegrar com o fato de que agora se segue em frente, e ele, a meu ver, pensa mais no destino da Igreja do que naquilo que diz respeito a ele mesmo.

É só uma suposição sua ou você pode provar sobre o que você diz sobre os sentimentos de Joseph Ratzinger neste momento?

Eu acredito que explicarei melhor o pensamento de Bento XVI citando frases

da sua recentíssima carta para mim.

Bento XVI lhe escreveu depois de anos de conflitos? E o que lhe escreveu?

Bem, espere só um momento, deixe-me pegar aqui na minha escrivadinha lotada esse manuscrito com a carta da Santa Sé endereçada por ele, pessoalmente, da sua residência de papa emérito. Data: 24dejaneirode2014. Remetente: "Pontifex emeritus Benedictus XVI". "Sou grato por poder estar ligado por uma grande identidade de pontos de vista e por uma amizade de coração ao Papa Francisco. Hoje, vejo como minha única e última tarefa é apoiar o seu Pontificado na oração." Acredito que são palavras muito belas. Certamente, escritas antes da publicação da sondagem. Essa escolha de inclinação do Papa Emérito Bento XVI me convence ainda mais.

E o que significa a sondagem para os bispos e, em geral, para a hierarquia eclesial?

Eu gostaria de distinguir três categorias de prelados. Para os bispos prontos para as reformas, e eles existem em todo o mundo, os resultados da sondagem significam um grande encorajamento: eles deverão se comprometer abertamente com as suas convicções e não ficar tímidos demais. Segundo, para os conservadores que têm as suas reservas: eles deveriam refletir sobre as suas reservas e

deveriam ouvir os argumentos dos reformadores. Terceiro, para os bispos reacionários, presentes não só no Vaticano, mas em todo o mundo, eles deveriam abandonar a sua resistência obstinada e escolher a razoabilidade.

E o que significa a sondagem para a base, para os cristãos? Encorajamento à reforma a partir de dentro, como Gorbachev sonhou em vão para o socialismo real e o Império Soviético?

É importante o sinal de que o movimento para a reforma dentro da Igreja tem do seu lado a grande maioria dos fiéis. O movimento de reforma é apoiado pela base - movimentos de reforma, como o Nós Somos Igreja - mais do que apareceu até agora, mais do que dentro da Igreja oficial. É um fato em nível internacional.

Professor, há décadas, você pede mudanças e aberturas na Igreja. Foi o primeiro e pagou as consequências por isso. Para você, essa sondagem é uma vitória, uma vitória amarga, ou outra coisa?

Eu não me considero um vencedor, não liderei uma batalha por mim, mas sim pela Igreja. Evidentemente, eu tive muitas experiências amargas, mas é bom ver uma mudança na direção do Concílio Vaticano II. Eu tive a grande alegria de poder ver, ainda vivo, o sucesso das ideias de reforma da Igreja para a qual eu combati por tanto tempo, de poder ver o início da virada. Para mim, é um novo impulso vital, como diz Bento XVI, para este último trecho do percurso da vida que nós agora temos pela frente.

Que consequências o Papa Francisco deveria tirar dos resultados dessa sondagem?

Se eu pudesse lhe dar um humilde conselho, ele deveria seguir em frente com coragem no caminho em que está encaminhado e não ter medo das consequências.

Concretamente, o que isso significa?

Espero que ele use a arte da Distinção que ambos aprendemos na Pontifícia Universidade Gregoriana: onde há, segundo a sondagem, consenso na Comunidade eclesial, ele deveria propor uma solução positiva para o Sínodo. Onde há desacordo, ele deveria permitir e suscitar um livre debate na Igreja. Onde ele mesmo é de outra opinião com relação à maioria dos católicos, como sobre o sacerdócio para as mulheres, ele deveria nomear uma força-tarefa de teólogos e de outros cientistas, de homens e mulheres, para abordar o tema.

Unisinos

Nova conta da Associação Rumos - MFPC



DADOS DA CONTA

Titular: ASSOCIAÇÃO RUMOS

CNPJ: 02.618.544/0001-47

(Necessário quando enviado de outro Banco)

Agência: Banco do Brasil 3515-7

Conta Corrente: 13786-3

Atenção Assinantes do Jornal Rumos e da AR: Depois do pagamento comunicar ao tesoureiro Enoch Brasil de Matos Neto por e-mail enochbrasil@yahoo.com.br, ou telefone 85-32468126 - 85-89554114 - 85-96362026(Tim)

A CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ RECEBE O ESTUDO SOBRE MEDJUGORJE

Encerrados os trabalhos da comissão internacional de investigação, iniciados em março de 2010

O porta-voz da Santa Sé, pe. Federico Lombardi, confirmou em 20-01 que a última reunião da comissão internacional de investigação sobre Medjugorje aconteceu dia 19. A comissão foi estabelecida pela Congregação para a Doutrina da Fé em março de 2010, sob a presidência do cardeal Camillo Ruini, e os resultados dos seus estudos serão submetidos agora às instâncias competentes da mesma Congregação.

Ao criar a comissão, em março de 2010, a Santa Sé lançou um comunicado de imprensa informando que "a comissão internacional de investigação sobre Medjugorje se reuniu pela primeira vez em 26 de março e, conforme já anunciado, o seu trabalho se desenvolverá em rigoroso sigilo. As conclusões serão apresentadas às instâncias da Congregação para a Doutrina da Fé".

Medjugorje é um pequeno povoado da Bósnia-Herzegovina que se transformou em lugar de peregrinação para milhares de pessoas, atraídas pelas supostas aparições da Virgem Maria relatadas por seis videntes.

No fim de junho de 1981, um grupo de jovens (Mirjana Dragicevic Soldo, Ivan Kalvankovic - Elez, Marija Pavlovic Lunetti, Vicka Ivankovic, Ivan Dragicevic e Jakov Colo) afirmou ter visto uma linda jovem que lhes confiava mensagens. Desde então, os seis protagonistas declaram que as aparições se repetem até hoje.

A comissão internacional de investigação sobre Medjugorje, composta por cardeais, bispos, peritos e especialistas, foi constituída depois que a comissão diocesana em Móstiar considerou que o fenómeno ultrapassava as competências da diocese. A Conferência Episcopal da então Iugoslávia tampouco tinha chegado a uma conclusão sobre a sobrenaturalidade ou não do fenómeno.

Os bispos da ex-Iugoslávia destacaram a necessidade de acompanhamento pastoral, sob a responsabilidade do pároco e do bispo local, de todos os fiéis que iam até o local para rezar. Eles pediram que a Congregação para a Doutrina da Fé assumisse a situação.

O atual prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, dom Gerhard Müller, declarou recentemente que as aparições da Virgem Maria aos videntes de Medjugorje não podem ser assumidas

como verdadeiras.

Müller recordou aos bispos dos Estados Unidos, em novembro último, que a posição da Igreja é a mesma já confirmada em 1991: "não é possível afirmar se houve aparições ou revelações sobrenaturais". Esta declaração aconteceu durante a visita de Ivan Dragicevic ao país norte-americano.

O núncio apostólico nos Estados Unidos, dom Carlo Maria Viganò, a pedido de dom Müller, enviou uma carta ao secretário geral da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, dom Ronny Jenkins. No texto, ele afirmou que "um dos assim chamados videntes de Medjugorje, o Sr. Ivan Dragicevic, programou visitas a certas paróquias do país", nas quais, conforme tinha sido divulgado, "o Sr. Dragicevic receberá 'aparições'".

Para "evitar escândalo e confusão", Viganò recordou aos bispos estadunidenses que "os clérigos e os fiéis não podem participar de reuniões, conferências ou celebrações públicas em que a credibilidade de tais 'aparições' seja tida como certa".

Poucos dias depois, o papa Francisco disse, durante uma homilia na Casa Santa Marta, em Roma, que a Virgem Maria "não trabalha nos correios para ficar enviando mensagens todos os dias".

O Santo Padre enfatizou que "o espírito de curiosidade nos afasta da sabedoria, porque, com ele, só interessam os detalhes, as pequenas notícias de cada dia". Esse espírito de curiosidade, que é mundano, leva à confusão, advertiu ele. Para explicar melhor essa confusão, o pontífice insistiu: "A curiosidade nos leva a achar que nosso Senhor está por aqui ou por ali, ou nos faz dizer: 'Mas eu conheço um vidente, uma vidente, que recebe cartas de Nossa Senhora, mensagens de Nossa Senhora'". A este propósito, Francisco acrescentou: "Nossa Senhora é mãe e ama a todos nós, mas não é encarregada dos correios para ficar mandando mensagens todos os dias".

Por sua vez, o cardeal Tarcisio Bertone explicou, durante as investigações, que "as peregrinações privadas [a Medjugorje] são permitidas e os fiéis podem contar com acompanhamento pastoral. Todos os peregrinos católicos podem ir a Medjugorje, um lugar de culto mariano em que é possível expressar-se através de todas as formas da devoção". As declarações foram feitas em 2007 pelo então Secretário de Estado, em entrevista ao vaticanista Giuseppe De Carli.

Roma, 20 de Janeiro de 2011

Ivan de Vargas
Zenit.org

MEDO DA HIPNOSE?

O medo é cultural e necessário ao ser humano. É preventivo e nos faz cautelosos diante da realidade. O perigo é ele nos paralisar e não avançarmos ou ousarmos em nossos objetivos. Vencemos os medos quando conquistamos conhecimento e confiança no que fazemos. Exemplos: Perdemos medo de Deus, quando confiamos em seu amor e em sua misericórdia; e dos procedimentos cirúrgicos, quando conscientes da competência do médico.

É comum o medo da hipnose, quer pelos mitos a seu respeito, quer pelo pouco conhecimento desta ciência. É mais divulgada por meio de shows hipnóticos em TVs. Isso é positivo enquanto se demonstra o fantástico poder da nossa mente inconsciente. No entanto, necessário se faz conhecer melhor a hipnose clínica, eficaz e curativa, que realiza procedimentos terapêuticos em diversos tipos de distúrbios psicoemocionais, como estresse, ansiedade, depressão, fobias, dependências químicas, tiques, gagueira, obesidade emocional etc.

Então, quais os medos mais



frequentes em relação à hipnose? Um medo comum é o de perder o controle, a autonomia e a liberdade pessoal, tipo: "O hipnólogo pode fazer tudo o que quer com a pessoa?" "Ela fica inconsciente?" "Vai lembrar depois do que vivenciou no transe?" Vai descobrir segredos

indesejados, como: "E se eu descobrir que minha mãe me rejeitou?"

Respondendo. Quanto a perder a liberdade, a pessoa não a perde. No processo hipnótico, ela fica consciente do que vem do inconsciente, acompanha tudo o que acontece, e depois se lembra

de tudo o que vivenciou no transe, a não ser que o hipnólogo dê uma sugestão para que se esqueça.

Hipnose implica confiança e empatia. A pessoa acredita e interage com o hipnólogo. Então, ela vive o que se permite viver. Se, por exemplo, um hipnólogo inconsequente, induz um hipnotizado a matar alguém ou a tirar a roupa em público, se a sua formação não lhe permite isso, ela reage (não interage) e sai imediatamente do transe hipnótico, rejeitando a sugestão. Portanto, a consciência moral é preservada até pelo inconsciente, o que é muito bom. Neste sentido, também os segredos não são violados, mas protegidos. Em hipnose clínica, tudo o que se vivencia é para o bem, a saúde da pessoa.

Na hipnose, vivem-se quatro etapas: indução, aprofundamento, programação e saída da hipnose. Confie, supere o medo e desfrute bem da hipnose!

Luciano Sampaio
Psicanalista e hipnólogo
lucianosampaio53@gmail.com

SERÁ QUE UTILIZAMOS APENAS 10% DE NOSSO CÉREBRO?

Um dos mitos mais conhecidos sobre o cérebro é o de que utilizamos apenas 10% de sua capacidade. É uma ideia atraente, pois sugere que poderíamos ser muito mais inteligentes, bem sucedidos e criativos se conseguíssemos aproveitar os outros 90% que podemos estar desperdiçando.

Infelizmente, isso não é verdade.

A reportagem é de Claudia Hammonde publicada pela BBC Brasil, 04-06-2013.

Não é bem claro a que se referem esses tais 10% de utilização. Se a afirmação se refere a 10% de regiões cerebrais, é fácil de ser refutada.

Usando uma técnica chamada imagem de ressonância magnética funcional, neurocientistas podem identificar as partes do cérebro que são ativadas quando uma pessoa faz ou pensa em algo.

Uma simples ação, como abrir e fechar a mão ou dizer algumas poucas palavras, requer uma atividade de muito mais de uma décima parte do cérebro. Mesmo quando se supõe que a pessoa não está fazendo nada, o cérebro está trabalhando bastante, controlando funções como respiração, atividade cardíaca ou memória.

Nada ocioso

Se os 10% mencionados se referirem ao número de células do cérebro, ainda

assim a afirmação não procede.

Quando qualquer célula nervosa deixa de ser utilizada ela se degenera e morre ou é colonizada por outras áreas vizinhas. Não permitimos que as células de nosso cérebro fiquem ociosas. Elas são valiosas demais.

Segundo o neurocientista Sergio Della Sala, o cérebro necessita de muitos recursos. Manter o tecido cerebral consome 20% de todo o oxigênio que respiramos.

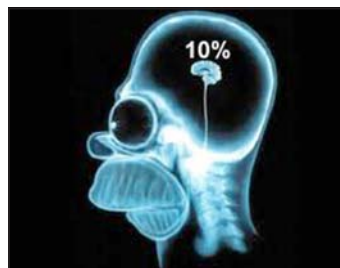
Como pode então uma ideia sem fundamento biológico ou fisiológico ter conseguido se espalhar desse jeito? É difícil rastrear a fonte original do mito.

Opsicólogo e filósofo norte-americano William James escreveu no livro "As energias do homem" que "utilizamos somente uma pequena parte de nossos possíveis recursos mentais e físicos".

Ele pensava que as pessoas podiam progredir mais, porém não se referia ao volume do cérebro nem à quantidade de células, tampouco a uma porcentagem específica.

A referência aos 10% é feita em um prólogo da edição de 1936 do popular livro de Dale Carnegie intitulado "Como ganhar amigos e influenciar pessoas". Algumas pessoas dizem que Albert Einstein foi a fonte da afirmação.

Della Sala tem tentado encontrar essa citação, mas ninguém que



trabalha no arquivo Albert Einstein pôde sequer confirmar que tenha existido. Parece mais um outro mito.

Zona duvidosa

Existem dois fenômenos que talvez possam explicar o mal-entendido. Nove de cada dez células do cérebro são do tipo neuróglia ou células gliais, que são células de apoio, que provêm assistência física e nutricional. Os outros 10% das células são os neurônios, que se encarregam de "pensar".

Assim, talvez as pessoas tenham interpretado que os 10% das células que se ocupam do trabalho duro de pensar poderiam aproveitar também as neuróglia para aumentar a capacidade cerebral pensante. Só que essas células são totalmente distintas e não podem simplesmente se transformar em neurônios para nos dar mais potência mental.

Existem os 10% que pensam, e os 90% que ajudam a pensar.

Há, no entanto, um grupo de pacientes, cujas imagens do cérebro revelaram algo extraordinário.

Em 1980, um pediatra britânico chamado John Lorber mencionou na revista Science que alguns dos pacientes com hidrocefalia, que tinham muito pouco tecido cerebral, ainda assim tinham um cérebro que podia funcionar.

O caso, sem dúvida, demonstra que todos nós podemos usar nossos cérebros para fazer mais coisas do que sabemos, já que é sabido que as pessoas se adaptam a circunstâncias extraordinárias.

É certo, claro, que se nos propusermos, podemos aprender coisas novas. E cada vez há mais evidência que mostra que nosso cérebro muda. Porém, não é que estejamos explorando uma nova área do cérebro. Acredita-se que quando novas conexões entre as células nervosas são feitas, perdemos velhas conexões quando já não as necessitamos.

O que mais intriga neste mito é que ele pode ter nascido e se cristalizado com base em informação que não é correta.

Talvez falar em 10% seja uma forma atrativa porque oferece um potencial enorme para se melhorar. Todos queremos ser melhores. E podemos, se nos cuidarmos.

Porém nunca vai acontecer de encontramos uma porção de nosso cérebro em desuso.

DISCERNIMENTO E RESPONSABILIDADE

Parecia tudo tranquilo para 2014. Os eventos já marcados, bem garantidos por um calendário estabelecido com absoluta prioridade: a copa do mundo, e as eleições de outubro.

Mas eis que de repente surge uma interrogação inquietante: como vai ser esta copa? E como serão as eleições, que dependerão muito do resultado da copa.

Uma interrogação que envolve, portanto, os dois eventos principais, previstos para este ano.

O temor se concentra na probabilidade de manifestações populares. Como serão, que repercussão terão, qual sua força de intervenção nos diversos eventos programados.

Uma coisa é certa, e necessita de nossa atenção. Muitos preferem águas turvas para pescar. Estão torcendo pelo pior. E não terão escrúpulos de usar a violência para conseguir seus objetivos.

Diante desta postura, assumida e organizada por grupos bem identificados, não resta dúvida que cabe ao poder público estar atento, e coibir ações criminosas, que se valem da legitimidade de manifestações populares, para encobrirem seus intentos criminosos.

Um fenômeno interessante está tomando forma. No país do futebol, se avolumam os questionamentos à maneira como vem sendo organizada a copa do mundo. Este questionamento se amplia, ao constatar onde foi parar este esporte tão envolvente e tão próximo das camadas mais pobres da população.

O futebol foi domesticado, e apropriado indevidamente pelo poder econômico, a tal ponto que virou simplesmente um negócio, que vai tirando a beleza deste esporte tão democrático e tão popular.

Esta tendência contagiou negativamente todos os níveis do futebol. Desde os campeonatos de várzea, até a organização mundial do futebol, simbolizado pela FIFA, que tem na organização da copa do mundo sua incumbência maior.

Hoje, qualquer menino que dá seu primeiro chute numa bola, já começa a sonhar em ser um grande jogador, ganhando salários fabulosos. E como de fato o futebol acarreta somas fabulosas, a copa do mundo acabou ficando refém da grande especulação financeira que gira ao seu redor.

Ao chegar o tão esperado "ano da copa", parece que "o país do futebol" tem um questionamento importante a fazer aos cartolas, que se apoderaram indevidamente deste esporte tão popular, que não pode ficar reduzido a uma trama de negócios escusos.

Mas para nos habilitarmos a transmitir esta mensagem de questionamento, não podemos perder a credibilidade que nos habilita a tomar uma posição esclarecida, madura e responsável.

Se for para fazer manifestações populares, providenciemos as condições para que elas se façam ordeiramente, sem violência e sem intenções malévolas, seja de que ordem forem.

Uma das belezas maiores do futebol decorre da rigidez de suas normas, que o juiz se encarrega de aplicar. A democracia também precisa de regras claras, seguidas com rigor. Também quando se trata de manifestações de massa.



O ano da copa e das eleições nos convida para o discernimento e para a responsabilidade. Nisto, todos podemos entrar em campo!

Dom Demétrio Valentini
Bispo de Jales - SP

CARTA DO 15º ENCONTRO NACIONAL DE PRESBÍTEROS

"Não deixeis que vos roubem a esperança" (EG 86)

Como filhos de Deus e irmãos em Cristo, nós, 531 presbíteros, 10 Bispos e demais convidados, representando 224 de nossas 274 igrejas particulares, que formam a Igreja no Brasil, reunimo-nos, na Casa da Mãe Aparecida, entre os dias 05 a 11 de fevereiro de 2014, para rezar, conviver e refletir sobre nossa vida e missão como Presbíteros nos dias de hoje.

Aos irmãos presbíteros e aos seus presbitérios desse imenso Brasil

1. Testemunhas de fé, esperança e caridade

Como filhos de Deus e irmãos em Cristo, nós, 531 presbíteros, 10 Bispos e demais convidados, representando 224 de nossas 274 igrejas particulares, que formam a Igreja no Brasil, reunimo-nos, na Casa da Mãe Aparecida, entre os dias 05 a 11 de fevereiro de 2014, para rezar, conviver e refletir sobre nossa vida e missão como Presbíteros nos dias de hoje.

Nosso encontro teve como tema: "Concílio Vaticano II e os Presbíteros no Brasil: Testemunhas de Fé, Esperança e Caridade" e o lema: "Estai sempre prontos a dar a razão da esperança a quem pedir" (1Pd 3,15). A grande moldura deste encontro, a celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II, nos colocou em comunhão com a totalidade do povo de Deus e nos levou a renovar nossa esperança na edificação de uma Igreja verdadeiramente ministerial e missionária.

E neste 15º ENP evocamos alguns Presbíteros como exemplos de testemunhas que nos inspiram na caminhada: Padre Gabriel Malagrida, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Padre Diogo Antônio Feijó, Padre Jose Antônio Pereira Ibiapina, Padre Cicero Romão Batista, Padre Júlio Maria, Padre João Bosco Penido Burnier, Padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto, Padre Ezequiel Ramin, Padre Josimo Moraes Tavares, Padre Alberto Antoniazzi, Padre João Batista Libânio e outros que atualmente estão no pleno exercício de seu ministério junto ao Povo de Deus.

2. Esperança frente à realidade desafiadora

No primeiro dia do encontro tivemos a análise da conjuntura sócio-político-econômica e eclesial. Ajudados pelo Dr. Pedro Gontijo, secretário executivo da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, mergulhamos na realidade mundial, latino-americana e brasileira.

Comunicou-nos que recente relatório da ONG britânica Oxfam mostra que o patrimônio das 85 pessoas mais ricas do mundo equivale às posses de metade da população mundial. Os poderes



econômicos e políticos estão produzindo um "apartheid" mundial, o que torna previsível que as tensões sociais e o aumento do risco de ruptura social sejam inevitáveis.

Percebemos que, na América Latina, o modelo neo-desenvolvimentista adotado por vários países, dentre eles o Brasil, torna praticamente inviável a vida de comunidades tradicionais, como a dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores e outras.

Constatamos, também, a falência do sistema penitenciário, que ainda não despertou significativamente a solidariedade da sociedade civil. Precisamos, sem dúvida, criar uma cultura de rejeição ao "câncer social" que é a corrupção (EG 60). Como alertou o Papa Francisco, não podemos ficar reféns da globalização da indiferença.

A inclusão de inúmeros pobres na sociedade de consumo não é suficiente para dizermos que houve realmente uma ascensão social significativa no país. Essa só será real quando esses pobres estiverem incluídos num sistema digno de saúde, de educação, de saneamento básico, de lazer, de segurança, de mobilidade urbana. A exemplo de Jesus, o Bom Pastor, sofremos ao perceber que o povo, sobretudo os pobres, continua como ovelhas sem pastor.

Frente às novas manifestações que tomam as ruas do nosso país, desde junho de 2013, cabe a nós, Presbíteros, uma pergunta fundamental: o que elas têm a ver com o exercício de nosso ministério? Podemos alimentar a esperança de que o povo na rua tem verdadeiramente um poder constituinte?

A análise de conjuntura eclesial esteve sob a assessoria do Pe. Thierry Linard de Guertechin, SJ, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento

(IBRADES).

Constatamos com alegria, nas últimas décadas, o crescimento numérico dos Presbíteros (22.119), das Paróquias (10.720) e das Dioceses (274). Nossa Igreja está viva e dinâmica, com muitas iniciativas evangelizadoras em todas as regiões de nosso imenso país. Por outro lado, percebemos que muitos católicos vêm abandonando nossas comunidades, buscando, muitas vezes, soluções mágicas e imediatas para os seus problemas.

Isto nos desafia, como Presbíteros, a buscar novas formas de presença e de comunicação, de linguagem, de símbolos que facilitem nosso contato com o povo, não cedendo às soluções fáceis, mas acreditando que devemos intensificar nossa proximidade, inserindo-nos na vida de nosso povo, abraçando, assim, sua causa como pastores.

Lamentamos a veiculação de comportamentos, por parte de alguns setores da Mídia que vêm banalizando valores humanos e cristãos, fundamentais para a sábia convivência social e, sobretudo, os sacramentos da Igreja Católica, com caricaturas de extremo mau gosto de nossas celebrações.

Frente a todos esses desafios, emergem com força as palavras de Dom Hélder Câmara: "não deixem cair a profecia". Será que podemos, diante de tantas cruzes e sofrimentos de nosso povo, pretender ser testemunhas da fé e da caridade, não permitindo jamais que nos roubem a esperança?

3. Esperança na retomada da recepção do Concílio Vaticano II na vida e no exercício do ministério presbiteral
Motivados pelos 50 anos da realização do Concílio Vaticano II, desde a preparação para este nosso 15º ENP,

estamos refletindo como ser verdadeiramente Presbítero, à luz do espírito e textos conciliares, sob a assessoria de nossos irmãos da Arquidiocese de São Paulo, padres Ney de Souza e Edson Donizete Toneti.

Constatamos que há inúmeras formas de exercer o ministério presbiteral, de sermos sacerdotes, pastores e profetas, numa Igreja-Povo de Deus, em comunhão com nossos Pastores e com todos os batizados, fazendo emergir o rosto de uma Igreja toda ministerial, que favorece também a atuação efetiva de nossos irmãos leigos e leigas.

Essa eclesiologia de comunhão e participação que vem a nós pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium* nos mergulha no mistério da Trindade, nos insere na vida de nossas Igrejas Particulares (LG 22) e nos faz Padres para a universalidade da Igreja, tanto na vivência dos sacramentos como das virtudes (LG 11).

Por isso, precisamos ser Presbíteros de uma Igreja em saída, no espírito do Decreto Ad Gentes, que nos lança à maravilhosa e desafiadora aventura da missão inculturada, discernindo as sementes do Verbo espalhadas em todos os povos, em todas as nações (AG11;26).

A missão é intrínseca à Igreja, pois sua natureza é missionária e isso nos desafia a sermos discípulos do único Mestre e missionários do Reino. Nossa caminhada ministerial precisa ter, com transparência, a centralidade da Palavra de Deus, como nos indica a *Dei Verbum*, numa busca sincera de equilíbrio entre o Pão da Vida da Palavra e o Pão da Vida da Eucaristia (DV 21). Palavra de Deus que nos aproxima do coração do povo que tanto a ama e que dela tem sede. Ser Presbíteros de vida e coração

orantes e celebrativos, à luz da Sacrosanctum Concilium, nos faz considerar seriamente a Eucaristia como fonte e cume de toda a Igreja (SC 10).

Como sermos também abertos à presença das sementes do Verbo em outras Igrejas cristãs e de Deus Pai em outras religiões, numa perspectiva ecumênica e do diálogo inter-religioso, de acordo com Unitatis Redintegratio e Nostra Aetate? E homens da defesa incondicional da liberdade religiosa e de todos os direitos humanos à luz da Dignitatis Humanae?

E, sendo Presbíteros conciliares, seremos profetas e testemunhas de que outro mundo é possível, fazendo das alegrias e tristezas, angústias e esperanças de todos, sobretudo dos pobres, nossas alegrias e tristezas, nossas angústias e esperanças, iluminados pela Constituição Pastoral Gaudium et Spes (GS 1).

É nessa perspectiva de conformação de nosso ministério com as grandes inspirações conciliares que queremos formar os novos Presbíteros como verdadeiros pastores, como nos indica Optatum Totius, quando afirma que a pastoral deve ser o eixo de toda a formação presbital (OT 4).

Tudo isso nos propicia a chance de sermos Presbíteros identificados com

a eclesiologia conciliar, padres do Decreto Presbyterorum Ordinis, profundamente inseridos nos nossos presbitérios e com a vida centrada na caridade pastoral (PO 8,14-16). Vivendo assim, em presbitério nas nossas Igrejas Particulares, enfrentando nossas ambiguidades e contradições, e colhendo os frutos de tanto trabalho abnegado, ninguém nos roubará a esperança.

4. Esperança fundada em Jesus e nas palavras e atitudes do Papa Francisco

Vivenciamos de maneira forte e profética o nosso dia de retiro, sob a orientação de Dom Angélico Sândalo Bernardino, que nos instigou a fugir da tentação de sermos presbíteros mais ou menos. Ele fez, ainda uma vez, emergir com força a consciência de que o fundamento maior de nossa esperança advém da certeza de que Jesus caminha conosco, pois segui-Lo deve ser a fonte e o paradigma máximos da nossa caminhada de ministros ordenados.

Por isso, não basta estarmos na Igreja, precisamos estar em Cristo. Como presbíteros, precisamos ser homens do sacrifício eucarístico, da partilha e de profunda intimidade com Deus e união com seu povo. Partindo da consideração sobre o "presbitério" de

Jesus, afirmou que, como bispo, ele teria mandado embora no mínimo uns seis, mas que Nosso Senhor assim não o fez; pelo contrário, mesmo com tantos homens frágeis, continuou sua missão e ainda confiou-lhes a continuidade dela.

Lembrou-nos, ainda, de que em nossas inúmeras reuniões, seja de presbíteros, seja dos bispos, não são tratados com transparência os verdadeiros problemas que afetam nossa vida e ministério. Sem ser ingênuo e com intrepidez nos acumulou de esperança de que é possível viver em comunhão presbital, ainda que não nos amemos o bastante. Somos, por tudo isso, cotidianamente impelidos pelas palavras e gestos do Carpinteiro de Nazaré, que ousou fazer ouvir a voz da periferia na capital de seu país, frente aos poderes políticos, econômicos e religiosos de sua época.

Hoje, somos também instigados pelas palavras e atitudes do Papa Francisco que tem chamado a atenção de todos pela sua forma normal de ser pastor e profeta no meio do povo, inspirando-nos nas nossas condutas e no exercício de nosso ministério presbital, como discípulos missionários do Reino do Pai.

Sobretudo, ressoam em nossos ouvidos suas palavras desafiadoras, abrindo a Igreja para enfrentar os

grandes conflitos do mundo, quando diz: "Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa no emaranhado de obsessões e procedimentos" (EG 49).

Com Jesus e com as nuvens de testemunhas que temos, podemos afirmar que ninguém nos roubará a esperança (Hb 12,1). "E a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5).

5. Esperança pela companhia constante de Maria

Desta Casa de Maria, que resplandece como modelo de virtudes (LG 65) e é aqui chamada Mãe Aparecida, terra tão amada do nosso povo romeiro, voltamos às nossas Igrejas Particulares, aos nossos presbitérios, às nossas comunidades eclesiais, certos da sua bênção maternal para nossa vida e ministério presbital, onde nos comprometemos a ser testemunhas das virtudes teológicas e dar razão da esperança a quem a pedir.

Pe. Manoel Godoy

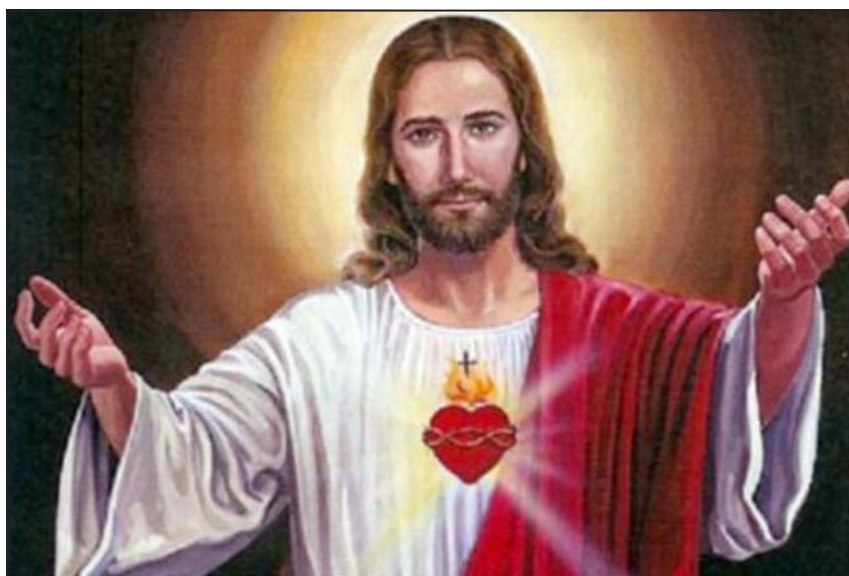
mgmanologodoy@gmail.com

SEM JESUS CRISTO NÃO É MAIS POSSÍVEL FAZER HISTÓRIA

Sem Jesus Cristo e fora do seu Plano de Salvação não é mais possível fazer história. Os projetos messiânicos de Marx como o de Hitler fracassaram estrondosamente porque lhes faltou o chão seguro da fé nas promessas divinas.

Sem esperança é impossível fazer história. Esta esperança não é qualquer surto de otimismo artificialmente insuflado por teorias ou slogans. Menos ainda é aquele otimismo barulhento e irracional artificialmente criado pela Mídia. É certo que ao morrer a última certeza de que é possível criar um mundo melhor, a humanidade voltaria à pré-história. A morte da esperança seria o fim da história e acabaria jogando a humanidade de volta às florestas onde saiu e às cavernas do paleolítico.

Pode a história terminar em fracasso? Pode, e por que não, se tudo o que é vivo traz em si o germe da dissolução? Já tivemos vinte civilizações historicamente identificadas, diz o historiador inglês Toynby, e todas elas se extinguíram. Ou foram



extintas. Nada neste planeta é eterno. Quantos Impérios surgiram e desapareceram no curto espaço de tempo de alguns milênios! Dos Impérios já sabemos que a sua extinção é uma questão de tempo. Impérios são construções humanas das quais a história procura livrar-se com a pressa com que cortamos uma bananeira que já deu cacho.

Mas há no campo social um

tipo de entidade que não se submete à lógica da entropia e se considera imune ao princípio da extinção e à lei da entropia. São as entidades religiosas. Nenhuma delas se preocupa com a sua sobrevivência. Julgam-se eternas, imunes ao vaivém dos acontecimentos. Por se terem na conta de obra de Deus, agem como se estivessem a caminho da eternidade, imunes, portanto, à ação

corrosiva e desintegradora do tempo.

Qual o líder ou chefe religioso da atualidade que não alimenta a certeza de estar do lado certo e seguro da história? Quem pode ter a certeza de estar do lado certo da história? A quem vou aliar-me: aos que já descobriram a resposta ou à turma irrequieta dos que continuam procurando, convictos de que o momento

atual da história representa apenas a ponta emersa de um continente prestes a emergir? A escolha é de cada um de nós, membros de uma sociedade que já não pode apelar mais para a ignorância pela facilidade que temos hoje de saber o que se passa longe do nosso pequeno e mesquinho mundo doméstico.

A humanidade precisa não só de quem lhe mostre o tamanho do buraco em que se meteu, mas de profetas que lhe apontem o caminho por onde sair dele.

Uma concepção materialista e atea da história humana é metafisicamente inaceitável, pois é da essência da história ser obra do espírito humano. Excluir Deus da história a ponto de não admiti-lo sequer como hipótese, é outro erro.

Quem exclui Deus da história dos homens termina por excluir dela também o homem. Excluir Deus da história dos homens, da sua natureza, da sua psique e dos seus sonhos de felicidade é o mesmo que jogá-los de volta às árvores, donde partiram milhões de anos atrás.

Padre Marcos Bach

PSICOTERAPEUTA PEDE QUE O CELIBATO SEJA FACULTATIVO

Wunibald Müller adverte insistentemente a Igreja católica há anos. Em discussões e comunicações, tem frequentemente sustentado a necessidade de uma renovação da sua Igreja. E, na qualidade de psicólogo e teólogo, colocou o dedo sobre um ponto particularmente dolorido: a atitude rígida da Igreja sobre a sexualidade humana e a obrigação do celibato para os sacerdotes, que, no mundo moderno, é agora pouco compreendido.

A reportagem é de Ross Andreas, publicada pelo jornal Sueddeutsche, 29-12-2013.

Müller sabe do que está falando. Como diretor da Reecollectio-Haus no convento beneditino de Münsterschwarzach, na Baixa Francónia, o psicólogo encontra muitos sacerdotes com problemas psicológicos que o buscam como terapeuta, porque não conseguiram realizar-se nessa forma de vida, e desejam tomar as rédeas de sua situação. Mas até agora, nem Roma nem os bispos pensam em querer mudar alguma coisa nessa situação dolorosa para as pessoas envolvidas.

Agora Müller coloca plena esperança no Papa Francisco, que descreve como "uma bênção para a nossa Igreja". "A porta não está fechada. Está apenas encostada. Depende dele para que se



abra". "Peço insistentemente que abra a porta", escreve Müller. Müller refere-se ao Pontífice diretamente, sem preâmbulos, sobre sua experiência profissional. Em aproximadamente 25 anos, ele teve o privilégio de conhecer não só externamente, mas também interiormente muitas centenas de sacerdotes.

"Conheci um número incalculável de padres que, por causa do estilo de vida celibatário que lhe é exigido, encontra-se em uma situação de grande dificuldade psicológica", escreve Müller. Sempre mais frequentemente, estão entre eles jovens sacerdotes. "Parto do pressuposto de que o Senhor saiba dessa dificuldade. O Senhor contribuiu com a sua ação benéfica, para garantir o aumento da disponibilidade dos sacerdotes que vivem uma relação a enfrentar a própria verdade

e realidade", continua Müller na sua carta ao Papa. Muitos desses padres desejariam manter e viver a sua relação, mas seria mesmo um pecado se eles perdessem a igreja. Wunibald Müller apela em sua carta também ao teólogo Karl Rahner, que, já há quarenta anos, havia apoiado a oportunidade de uma separação entre sacerdócio e celibato, se a Igreja estivesse na situação de não ter um número suficiente de padres. Outro motivo para a separação seria, no entanto, o fato de que muitos sacerdotes não se sentem mais bem em viver de maneira celibatária. Encontrar-se-iam, portanto, na alternativa de ou deixar seu ofício eclesiástico ou permanecer no cargo, vivendo suas relações sexuais em segredo.

A sexualidade e intimidade praticada dessa maneira não poderiam ser implantadas de maneira autêntica, e seriam, portanto, também causa "de modo especial de comportamento física e espiritualmente pouco saudáveis, que obscurecem a vida celibatária e trazem-lhe descrédito", argumenta Müller. O psicoterapeuta vê "um motivo ainda mais profundo" para a separação entre o sacerdócio e o celibato. Trata-se de levar verdadeiramente a sério a constituição humana e a força criadora, "que Deus nos deu na sexualidade". Müller refere-se, nesse contexto, a Ildegarda von Bingen, da qual transferiu a declaração

de que Deus nos deu, com a sexualidade, uma força em que não está somente o lascivo Satanás, mas também a "força da eternidade".

Ainda uma vez Müller apela ao papa Francisco, "pelo amor de Deus, pelo amor ao homem e pela nossa Igreja, para fazer tudo o que lhe é possível, afim de que, na nossa Igreja, possamos ainda ter padres que escolhem seriamente uma vida em que a sua força sexual seja investida no compromisso com os outros, e, dessa maneira, tornar-se frutífera, e implementá-la de uma forma consoante com a força de vida que está na sexualidade".

Ao mesmo tempo, Müller desejaria que, no futuro, no entanto, nós tivéssemos também sacerdotes que pudessem celebrar e desfrutar de sua sexualidade e, enriquecer e alimentar as relações íntimas "com paixão, dando o melhor de si no seu serviço como sacerdotes".

O teólogo de Münsterschwarzach também se declara, na sua carta, a favor do sacerdócio feminino. Do ponto de vista dogmático, não vê nada em contrário em tal pedido, mostra-se, no entanto, cético no que tange ao momento. "Essa inovação absolutamente sem precedentes, nós dois não a podemos viver", escreve ele ao papa.

Wunibald Müller

PLANETA ESGOTOU SUA QUOTA NATURAL PARA 2013

Se a humanidade se compromettesse a consumir a cada ano só os recursos naturais que pudessem ser repostos pelo planeta no mesmo período, em 2013 teríamos de fechar a Terra para balanço hoje, 20 de agosto.

Essa é a estimativa da Global Footprint Network, ONG de pesquisa que há dez anos calcula o "Dia da Sobrecarga".

Neste ano, o esgotamento ocorreu mais cedo do que em 2012 - 22 de agosto -, e a piora tem sido persistente. "A cada ano, temos o Dia da Sobrecarga antecipado em dois ou três dias", diz Juan Carlos Morales, diretor regional da entidade na América Latina.

A reportagem é de Rafael Garcia e publicada pelo jornal Folha de S. Paulo, 20-08-2013.

Para facilitar o entendimento da situação, a Global Footprint Network continua promovendo o uso do conceito de "pegada ambiental", uma medida objetiva do impacto do consumo humano sobre recursos naturais.

No Dia da Sobrecarga, porém, expressa-o de outra maneira: para sustentar o atual padrão médio de consumo da humanidade, a Terra



precisaria ter 50% mais recursos.

Para fazer a conta, a ONG usa dados da ONU, da Agência Internacional de Energia, da OMC (Organização Mundial do Comércio) e busca detalhes em dados dos governos dos próprios países.

O número leva em conta o consumo global, a eficiência de produção de bens, o tamanho da população e a capacidade da natureza de prover recursos e biodegradar/reciclar resíduos. Isso é traduzido em unidades de "hectares globais", que representam tanto áreas cultiváveis quanto reservas de manancial e até recursos pesqueiros disponíveis em águas internacionais.



A emissão de gases de efeito estufa também entra na conta, e países ganham mais pontos por preservar florestas que retêm carbono.

Apesar de ter começado a calcular o Dia da Sobrecarga há uma década, a Global Footprint compila dados que remontam a 1961. Desde aquele ano, a sobrecarga ambiental dobrou no planeta, e a projeção atual é de que precisemos de duas Terras para sustentar a humanidade antes de 2050. A mensagem é que esse padrão de desenvolvimento não tem como se sustentar por muito tempo.

"O problema hoje não é só proteger

o ambiente, mas também a economia, pois os países têm ficado mais dependentes de importação, o que faz o preço das commodities disparar", diz Morales. "Isso ocorre porque os serviços ambientais [benefícios que tiramos dos ecossistemas] já não são suficientes".

BRASIL "CREDOR"

No panorama traçado pela Global Footprint Network, o Brasil aparece ainda como um "credor" ambiental, oferecendo ao mundo mais recursos naturais do que consome. Isso se deve em grande parte à Amazônia, que retém muito carbono nas árvores, e a uma grande oferta ainda de terras agricultáveis não desgastadas.

Mas, segundo a ONG WWF-Brasil, que faz o cálculo da pegada ambiental do país, nossa margem de manobra está diminuindo, e exhibe grandes desigualdades regionais. "Na cidade de São Paulo, usamos mais de duas vezes e meia a área correspondente a tudo o que consumimos", diz Maria Cecília Wey de Brito, da WWF. O número é similar ao da China, um dos maiores "devedores" ambientais.

Global Footprint Network
www.ihu.unisinos.br

HELDER CÂMARA, UM HOMEM UNIVERSAL

A cada ano fica mais claro que as dimensões da figura de Helder Câmara ultrapassam as funções que ele ocupou na vida, especificamente a função de arcebispo católico de Olinda e Recife. A cada ano se ressalta mais seu valor universal, para além da diocese, da igreja do Brasil, do catolicismo e mesmo do cristianismo em geral. O primeiro a enxergar isso, 15 anos atrás, foi o escritor e dirigente comunista francês Roger Garaudy. No livro 'Helder, o Dom' editado pela Vozes em 1999 e coordenado por Zildo Rocha, ele escreve textualmente: 'Meu primeiro encontro com Dom Helder foi o momento mais importante de minha vida' (p. 29). Não se escreve uma frase dessas à toa. Ela resume uma vida inteira. Ele explica: 'em 1967, eu estava participando de um encontro em Genebra e, no intervalo de uma das sessões, alguém me procurou para dizer: um arcebispo o espera no corredor'. Era Helder Câmara, que logo tomou a palavra e propôs ao dirigente comunista um pacto: você diz aos comunistas que religião nem sempre é alienação e eu digo aos católicos o socialismo não é algo condenável. Num de seus escritos, Helder Câmara comentou esse momento com as seguintes palavras: 'eu sentia que no essencial Roger Garaudy e eu pensávamos da mesma maneira'. Um dirigente comunista e um arcebispo católico pensam da mesma maneira! Isso não é sinal de universalismo? E o texto de Garaudy termina com as seguintes palavras: 'Graças a Dom Helder Câmara, o muçulmano que sou e o marxista que não deixei de ser consideram Jesus o eixo central de minha vida' (p. 31).

Esse episódio mostra que, já em 1967, Helder Câmara era capaz de transcender o cargo que exercia para enxergar um horizonte mais amplo, o da humanidade como um todo. O mesmo Roger Garaudy, num de seus livros, tinha soltado um grito, dirigido às igrejas cristãs: 'Devolvam-nos Jesus: Ele nos pertence'. Jesus é do mundo, não das igrejas. E penso que por trás do encontro entre ele e Helder se pode ouvir um grito parecido, dirigido à igreja católica:

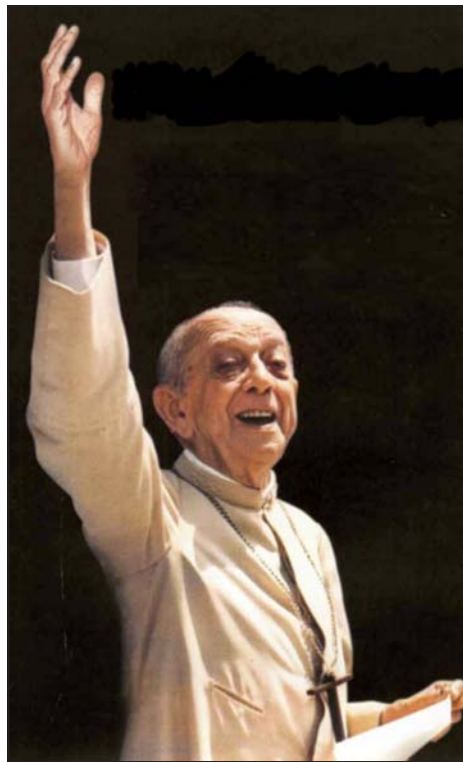
Devolvam-nos Helder Câmara, Ele nos pertence.

É o grito silencioso da bandeira do Movimento dos Sem Terra estendida sobre o caixão de Helder Câmara no dia de seu enterro.

Não, não podemos prender Helder Câmara nas nossas instituições. Como discípulo fiel de Jesus de Nazaré, Helder Câmara pertence ao mundo. Não é bom que suas mensagens fiquem apenas circulando dentro de uma determinada organização. Jesus e Helder: pássaros de voo livre, que não podem ficar presos numa gaiola, por dourada que seja.

Pode parecer um tanto ousado o que digo aqui, mas corresponde perfeitamente ao que nós, seus colaboradores, presenciamos diversas vezes no convívio com Helder Câmara. Pessoalmente trabalhei durante quase 17 anos com ele, desde sua posse em 1964 até a minha saída do clero em 1980. Sempre tive a impressão de que a igreja era para ele um trampolim para a sociedade. Um palanque, um microfone, uma tela de TV, uma difusora. Isso tanto é verdade que a publicidade foi seu maior escudo contra as ameaças de morte que recebia. Ele só não foi morto porque temia-se a repercussão da morte de um bispo famoso. Escapou pela publicidade em vez de fugir na clandestinidade.

Quero comentar com vocês que numa determinada ocasião ele realmente nos surpreendeu. Numa tarde, parece que foi nos inícios dos anos 1970 ou no final dos anos 1960, ele nos chama para o Palácio dos



Manguinhos. Uns vinte padres, mais ou menos. Afim ele começa a dizer que a igreja católica não tem a projeção que merece: o mundo oriental tem Gandhi, os Estados Unidos têm Martin Luther King, mas a igreja católica não tem nenhuma figura que represente o que ela está realmente fazendo neste momento. Fiquei sem saber o que pensar dessas palavras, pois naquele tempo eu não tinha capacidade de perceber o real alcance delas. Pensei: ele está se comparando a Gandhi e Martin Luther King, isso é muito atrevimento. Só depois de sua morte em 1999, cheguei a compreender o real alcance da comparação daquela tarde nos Manguinhos. Hoje, entendo que Helder Câmara efetivamente figura como um símbolo universal, comparável a Gandhi, Martin Luther King e, para falar nos termos de hoje, Mandela. São personagens que por assim dizer delineiam figuras que representam o que há de mais humano no pensamento de uma época, cultura, continente, país, agrupamento humano. São figuras universais, já desligadas da trajetória concreta de suas vidas. Elas tornam-se símbolos universais: independência e verdade (a Satyagraha de Gandhi), superação do racismo (Mandela), opção pelo pobre (Helder Câmara). Hoje vejo claramente que, naquela tarde nos Manguinhos, Helder não estava afirmando sua personalidade, mas revelando uma profunda intuição política, uma visão do âmago das questões. Se, naquela época, a desenvoltura com que Helder falou de grandes figuras da história me causou certo espanto, era, no fundo, porque naquele tempo eu não tinha a maturidade para pensar em Helder Câmara. Só consegui pensar em Dom Helder. É foi isso, afinal, que me impediu de enxergar a grandeza de suas colocações.

Continuemos por uns instantes com a comparação entre Gandhi, Mandela e Helder Câmara, desta vez em termos de estratégia de ação. Gandhi foi o mestre, ele avançou a ideia da não-violência ativa como uma estratégia que escapa ao círculo vicioso da dialética entre ação e reação, situação e revolta, dominação e

insurreição, ou seja, para falar em termos helderianos, da 'espiral da violência'. Nas conferências entre representantes da Índia e da Inglaterra, Gandhi repetia: a independência da Índia não é só boa para os indianos, mas também para os ingleses. Com isso, ele se mostrou capaz de olhar para além das fronteiras da Índia e de compartilhar os sentimentos ingleses. Nisso se mostrou universalista. Mandela aprendeu isso com Gandhi. De início aderiu a movimentos violentos, o que lhe custou 27 anos de prisão, mas com o tempo aprendeu que a superação do apartheid na África do Sul não era algo bom só para os negros, mas também para os brancos. Nesse ponto, Helder Câmara mostrou-se igualmente discípulo de Gandhi quando nos dizia, muitas vezes: 'não se trata de vencer, mas de convencer'. Em suas cartas circulares ele repetia: a rejeição dos métodos de tortura e repressão violenta não é só proveitosa para a população, mas também para os militares. Na época, muitos não compreendiam essa postura aparentemente fraca por parte do arcebispo e esperavam dele posturas de confronto aberto. Queriam, sem saber, que ele se metesse no círculo vicioso da espiral da violência, mas Helder tinha lido os evangelhos e estava convencido do princípio supremo do amor ao inimigo, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Nisso, ele seguia Jesus como Gandhi seguia os antigos mestres hindus.

Podemos avançar um pouco mais e dizer que Helder Câmara alçou uma bandeira mais difícil de segurar que as de Gandhi e Mandela. Em seu livro 'A espiral da violência', de 1978, ele descreve três tipos de violência: a institucional, a revolucionária e a repressiva. A novidade está na descrição da primeira violência, geradora das demais: a instituição de sociedades baseadas na injustiça e, portanto, na violência. Aqui Helder vai além de Gandhi e de Mandela e ataca um problema que subjaz a todos os demais: a pobreza como consequência da violência institucional. O livro 'A espiral da violência' mostra que a opção pelo pobre é a grande novidade no cenário mundial dos anos 1970, algo mais profunda e mais complexa que a opção pela descolonização ou pela valorização da raça negra. É uma opção que exige uma análise continuada e sempre atualizada da sociedade.

Hoje muitas das ideias helderianas começam a se difundir no mundo e na igreja. O papa Francisco pode ser chamado de helderiano. Mas o programa traçado por Helder Câmara é muito exigente:

Quando dou uma esmola a um pobre, me chamam santo

Quando pergunto por que ele é pobre, me chamam comunista.

Essas duas linhas expressam uma exigência muito grande, melhor, um desafio para todos nós.

Não posso terminar sem esclarecer que não quero dizer que está errado quem continuar falando em Dom Helder, nosso querido Dom. Em minha fala só quis realçar que Helder não necessita do Dom para ser grande. Não se trata de desvalorizar ou 'secularizar' o querido Dom. À primeira vista, temos a impressão que dizer 'Helder' é diminuir 'Dom Helder'. Mas isso é apenas uma impressão. O que importa é que a memória de Helder seja um espaço universalista no coração do mundo e lembre a vocação universalista que todos nós carregamos conosco. Para além da igreja, do cristianismo e mesmo das minorias abraâmicas, em direção às minorias de espírito abraâmico espalhadas pelo mundo inteiro.

Eduardo Hoornaert
e.hoornaert@yahoo.com.br

DESCUBRA O SEGREDO DOS CASAMENTOS FELIZES

Cinco gestos simples podem mudar a felicidade no casamento, pelo menos no que depende das mulheres. As conclusões são da autora do livro 'Os segredos dos casamentos mais felizes': as pequenas coisas que fazem a diferença'.

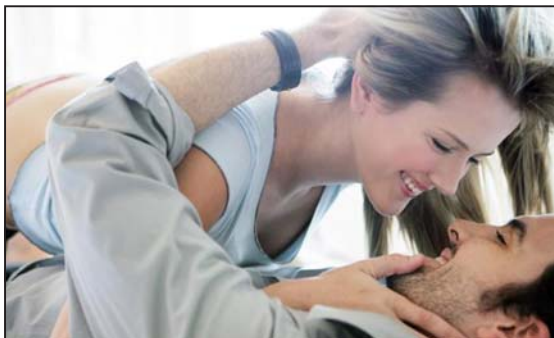
Shaunti Feldhahn estudou mais de 1000 casais para descobrir a fórmula da felicidade a dois. "As mulheres mais felizes reconhecem que o companheiro se esforça para ser um bom marido", revela o autor. Numa abordagem que, a grande parte das europeias, em especial das portuguesas, até pode parecer um tanto ou quanto sexista, Shaunti concluiu ainda que as mulheres que fazem com que os seus maridos se sintam apreciados recebem o máximo em troca.

Os cinco gestos que podem

transformar o seu casamento, segundo a autora:

- Reconheça o esforço do seu companheiro. "A maioria das pessoas sentem-se agradecidas mas não são capazes de dizer 'obrigado'. De acordo com os dados recolhidos, 72% dos homens ficam satisfeitos quando a esposa ou namorada reconhece o seu esforço e trabalho. Parece que, para um homem, um "obrigado" pode ser um equivalente a dizer "amo-te", diz Shaunti.

- Quer deixá-lo feliz? Diga-lhe que fez um ótimo trabalho. Segundo Shaunti, esta é a forma mais eficaz de fazer com que um homem se 'derreta'. "Apesar de parecer viris e confiantes, os homens ainda são uns meninos que se sentem ansiosos para dar à mãe o vaso que fizeram na escola. O bom trabalho



tem um impacto emocional nos homens", explica.

- Não faça queixas dele em frente a outras pessoas, sejam amigos ou familiares. A melhor tática é reconhecer o que de bom ele faz, para que sinta que está no bom caminho e continue a agradá-la. "Quando estiver com outros casais diga-lhes que os seu marido fez uma surpresa

de aniversário incrível ou que brinca com as crianças ao sábado de manhã, para que possa dormir mais um pouco. Eles podem mostrar-se indiferentes, mas por dentro estão a adorar", explica a autora.

- Demonstre que o deseja. Não é surpresa nenhuma que os homens adoram sexo. Mas para Shaunti a razão é mais emocional

do que física. "De uma forma muito profunda, um homem precisa saber que a mulher o deseja", referiu, acrescentado que os homens gostam de agradar às companheiras. Algumas palavras podem fazer toda a diferença: dizer-lhe que o quer muito pode ser muito importante para o ele do que apenas a relação física.

- Mostre que ele a faz feliz. "88% dos homens afirmam que ficam derretidos quando a esposa diz que ele a faz feliz", refere Shaunti. Um sorriso espontâneo, quando ele diz algo que lhe agradou, ou dizer-lhe simplesmente como se sente bem ao lado dele, faz com que ele queira ser ainda mais carinhoso.

Resta saber quais as sugestões que ShauntiFeldhahn direcionou aos homens, para melhorarem a relação com as suas parceiras.

ACTIVA.PT

PÁGINA BÍBLICO-TEOLÓGICA

OS SALMOS: A ANATOMIA DA ALMA HUMANA

Os salmos constituem uma das formas mais altas de oração que a humanidade produziu. Milhões e milhões de pessoas, judeus, cristãos e religiosos de todas as tradições, dia a dia, recitam e cantam salmos, especialmente os religiosos, as religiosas e os padres no, assim chamado, "ofício das horas" diário.

Não sabemos exatamente quem são seus autores, pois eles recolhem as orações que circulavam no meio do povo. Seguramente muitos são de Davi (século X a.C.). É considerado, por excelência, o protótipo do salmista. Foi pastor, guerreiro, profeta, poeta, músico, rei e profundamente religioso. Conquistou o Monte Sion dentro de Arca da Aliança, organizou o culto e introduziu os salmos.

Quando se diz "salmos de Davi", na maioria das vezes, significa: "salmos feitos no estilo de Davi". Os salmos surgiram no arco de quase mil anos, nos lugares de culto e recitados pelo povo até serem recompilados na época dos Macabeus, no século II. a.C. O saltério é um microcosmo histórico, semelhante a uma catedral da Idade Média, construída durante séculos, por gerações e gerações, por milhares de mãos e incorporando as mudanças de estilo arquitetónico das várias épocas. Assim, há salmos que revelam diferentes concepções de Deus, próprias de certa época, como aqueles,



estranhas para nós, que expressam o desejo de vingança e o juízo implacável de Deus.

Os salmos testemunham a profunda convicção de que Deus, não obstante habitar numa luz inacessível, está em nosso meio, morando como que numa tenda (shekinah). Podemos chegar a Ele, em súplicas, lamentações, louvores e ações de graças. Ele está sempre pronto para escutar.

O lugar denso de sua presença é o Templo onde se cantam os salmos. Mas como Criador do céu e da terra, está igualmente em todos os lugares, embora nenhum possa contê-lo.

Com razão, se orgulhavam os hebreus dizendo: "ninguém tem um Deus tão próximo como nós"! Próximo de cada um e no meio de seu povo. Os salmos revelam a consciência da proximidade divina e do amparo consolador. Por isso há neles intimidade pessoal sem cair no intimismo individualista. Há oração coletiva sem destituir a experiência

pessoal. Uma dimensão reforça a outra, pois cada uma é verdadeira: não há pessoas sem o povo no qual estão inseridas e não há povo sem pessoas livres que o formam.

Ao rezar os salmos, encontramos neles a nossa radiografia espiritual, pessoal e coletiva. Neles identificamos nossos estados de ânimo: desespero e alegria, medo e confiança, luto e dança, vontade de vingança e desejo de perdão, interioridade e fascinação pela grandeza do céu estrelado. Bem o expressou o reformador João Calvino (1509-1564) no prefácio de seu grandioso comentário aos salmos:

"Costumo definir este livro como uma anatomia de todas as partes da alma, porque não há sentimento no ser humano que não esteja aí representado como num espelho. Diria que o Espírito Santo colocou ali, ao vivo, todas as dores, todas as tristezas, todos os temores, todas as dúvidas, todas as esperanças, todas as

preocupações, todas as perplexidades até as emoções mais confusas que agitam habitualmente o espírito humano".

Pelo fato de revelarem nossa autobiografia espiritual, os salmos representam a palavra do ser humano a Deus e, ao mesmo tempo, a palavra de Deus ao ser humano. O saltério serviu sempre como livro de consolação e fonte secreta de sentido, especialmente quando irrompe na humanidade o desamparo, a perseguição, a injustiça e a ameaça de morte. O filósofo francês Henri Bergson (1859-1941) deu este insuspeitado testemunho: "Das centenas de livros que li nenhum me trouxe tanta luz e conforto quanto estes poucos versos do salmo 23: O Senhor é meu pastor e nada me falta; ainda que ande por um vale tenebroso, não temo mal nenhum, porque Tu estás comigo".

Um judeu, por exemplo, cercado de filhos, era empurrado, para as câmaras de gás em Auschwitz. Ele sabia que caminhava para o extermínio. Mesmo assim, ia recitando alto o salmo 23: "O Senhor é meu pastor... Ainda que eu ande pela sombra do vale da morte, nenhum mal temerei, porque Tu estás comigo". A morte não rompe a comunhão com Deus. É passagem, mesmo dolorosa, para o grande abraço infinito da paz eterna.

Por fim, os salmos são poesias religiosas e místicas da mais alta expressão. Como toda

poesia, recriam a realidade com metáforas e imagens tiradas do imaginário. Este obedece a uma lógica própria, diferente daquela da racionalidade. Pelo imaginário, transfiguramos situações e fatos detectando neles sentidos ocultos e mensagens divinas. Por isso dizemos que não só habitamos prosaicamente o mundo, colhendo o sentido manifesto do desenrolar rotineiro dos acontecimentos. Habitamos também poeticamente o mundo, vendo o outro lado das coisas e um outro mundo dentro do mundo de beleza e de encantamento.

Os salmos nos ensinam a habitar poeticamente a realidade. Então ela se transmuta num grande sacramento de Deus, cheia de sabedoria, de admoestações e de lições que tornam mais seguro nosso peregrinar rumo à Fonte. Como bem diz o salmista: "quando caminho entre perigos, tu me conservas a vida... e estás até o fim a meu favor" (Salmo 138, 7-8).

Leonardo Boff
Adital

OBS: Comentário de Pe. Ney Brasil Pereira: Gilberto, concordo plenamente com a perspectiva de L. Boff sobre os Salmos, dos quais venho publicando um comentário cada mês, no Jornal da Arquidiocese. Os salmos são insuperáveis como oração, como experiências, as mais variadas, da presença de Deus no âmago da nossa vida.

FALECIMENTO

Faleceu dia 25 de janeiro de 2014, em Fortaleza, CE, o nosso amigo e irmão Henrique Swillens, aos 91 anos de idade.

Henrique foi da Congregação de S. Vicente de Paulo, Lazaristas. Foi ordenado em 1949, na Alemanha, seu país de origem, onde nasceu em 05.08.1922. Trabalhou na pastoral e na formação dos seminaristas no Maranhão e no Ceará.

Deixou o ministério em 1976 e casou com Edite Pontes. Não tiveram filhos. No Ceará, Henrique foi também professor universitário. E sempre muito ativo na vida do MFPC cearense.

Conheci-o no VI Encontro Nacional do MFPC em Salvador. E encontrei o casal em vários outros Encontros Nacionais, inclusive no último, em Junho de 2012. Sofia e eu tivemos o prazer de nos hospedarmos várias vezes na casa deles em Fortaleza.

Temos a certeza de que o Pai lhe reservou um bom lugar e que, agora, temos mais um intercessor pelo MFPC no Céu.

À querida Edite, aos sobrinhos e nossos colegas e amigos Venceslau e Wilma e ao MFPC do Ceará, nossa solidariedade fraterna, neste momento de despedida.

João Tavares e Sofia

Saber Viver



Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido
Se não tocamos
O coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura...
Enquanto durar.

Cora Coralina

O QUE PENSAM OS CATÓLICOS SOBRE O ABORTO, MULHERES NO SACERDÓCIO E UNIÕES GAY

Uma reveladora pesquisa realizada por Univisión, a maior cadeia de televisão dos Estados Unidos, concluiu que a maioria dos católicos do mundo não está de acordo com algumas das principais doutrinas da Igreja como o aborto, o uso de anticoncepcionais e a proibição da comunhão para os divorciados.

A reportagem é publicada pelo jornal colombiano El Tiempo, 09-02-2014. A tradução é do Cepat.

A pesquisa, realizada entre dezembro de 2013 e janeiro de 2014, com 12.038 fiéis de 12 países majoritariamente católicos, dos cinco continentes - entre eles a Colômbia -, e com uma margem de erro de 0,9%, adiantou-se em relação ao papa Francisco.

Em novembro do ano passado, o Pontífice argentino enviou um questionário a todos os bispos do mundo, para que perguntassem aos seus fiéis o que pensam sobre as uniões entre casais do mesmo sexo e sobre o ensino da Bíblia, entre outros temas pastorais. Os resultados desta consulta, também realizada na Colômbia - onde não foi divulgada - serão discutidos no próximo mês de outubro, por ocasião do Sínodo dos Bispos, onde serão debatidos diferentes aspectos sobre o futuro do catolicismo.

O documento demonstrou que 58% de consultados estão em discordância com a norma que estabelece que a pessoa que se divorciou e se casou novamente, fora da Igreja, vive em pecado e que, portanto, não pode receber a comunhão. A Europa é o local onde mais desaprovam esta medida (75%), seguida pela América Latina (67%).

Também se perguntou sobre o aborto, um tema inegociável para a Igreja católica. Nesse quesito, 57% responderam que deveria se permitir apenas em alguns casos, como quando a vida da mãe ou do ente esteja em perigo;



8% acreditam que se deve permitir sempre e 33% expressaram que não deve nunca ser permitido.

A França é o país onde mais se concorda com o aborto - sempre e em alguns casos - (93%), seguida de Espanha (88%), Itália (83%) e Polônia (82%). Na América Latina, os que mais aprovam esta forma de interrupção da gravidez - sempre e alguns casos - são os brasileiros (81%); seguidos pelos argentinos (79%), mexicanos (73%) e colombianos (61%). Na Colômbia, 38% responderam que o aborto não deve ser permitido sob nenhuma circunstância.

Sobre o uso dos anticoncepcionais, outro tema vetado pela Igreja católica, a imensa maioria (78%) expressou concordar com o uso. Apenas 19% disseram ser contra esses métodos de planejamento. Inclusive, entre aqueles que participam com frequência da Igreja, a porcentagem dos que concordam é majoritária (72%). E nove em cada dez daqueles que participam com pouca frequência da Igreja também aprovam.

Também foi perguntado aos fiéis se acreditavam que os sacerdotes católicos

deveriam se casar. E cinco em cada dez - a maior porcentagem nesta resposta - respondeu que sim. Sendo que 47% discordaram e 3% não responderam. É na Europa onde estão os que mais concordam que os sacerdotes tenham família (70%); na América Latina são 53%.

Casamento gay e mulheres com batina

A pesquisa também perguntou sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Neste ponto, os fiéis católicos foram majoritariamente contra (66%). Apenas 30% foram a favor das uniões gays. Os africanos são os que mais se opõem (99%), seguidos pelos asiáticos (84%). No caso dos latino-americanos, 57% rejeitaram o chamado 'casamento gay'. Os Estados Unidos são o local onde mais aprovam (54%) esse tipo de casamento. Os consultados de estratos mais baixos (7 em cada 10) são os que mais rejeitam essas uniões.

No que diz respeito à eterna discussão sobre o sacerdócio para as mulheres, 51% responderam que elas também deveriam ser ordenadas. Já 45% rejeitaram a figura das mulheres nos altares do catolicismo e 4% não responderam.

A Europa é o continente onde mais querem ver as mulheres com batina (64%), seguida pela América do Norte (59%) e América Latina (49%).

Todos querem o papa Francisco

Outra das perguntas desta pesquisa foi sobre a gestão do papa Francisco, durante os primeiros dez meses de seu pontificado. Foram 41% os que a consideraram como 'excelente', ao passo que 46% disseram que era 'boa'. Por fim, 5% disseram que era 'mediocre', e 1% que era ruim.

A popularidade do Papa argentino é parecida em todo o mundo, sendo majoritária na Europa (90%), seguida pela América do Norte (89%), América Latina (88%), África (85%) e Ásia-Pacífico (82%).

Unisinos

CONHEÇA OS DEFEITOS DOS CHEFES E VEJA COMO LIDAR COM ELES

Chefe autoritário, "bonzinho", que usa ideias dos empregados sem dar o crédito ou que marca tantas reuniões que atrapalha o andamento da equipe. Há chefes complicados para todos os gostos (ou desgostos) dos funcionários. Mesmo aqueles que conseguiram ter um gestor com qualidades acima da média não devem se enganar. Por melhor que seja, o superior hierárquico está trabalhando para a empresa e os interesses da companhia podem ser divergentes dos interesses dos funcionários, segundo o escritor e executivo Beto Ribeiro, autor do livro "Eu odeio meu chefe". "O chefe nunca é bom o suficiente para a equipe. Mas é possível até aprender com ele", conta o escritor.

O bom líder deve ter dez características fundamentais, de acordo com o presidente do Instituto Brasileiro de Coaching (IBC), José Roberto Marques. "Ele deve compartilhar conhecimentos e experiências, correr riscos, fazer o que gosta, manter um canal aberto com os funcionários, admitir falhas, ser um bom ouvinte, admitir que não sabe e tentar aprender, passar informações de forma clara, saber dar feedback e assumir a responsabilidade pela equipe", diz.



Para a especialista em desenvolvimento de pessoas Stefânia Lins Giannoni, nenhum chefe pode romper a barreira do assédio moral. Se o empregado começar a se sentir mal fisicamente pelas posturas agressivas do gestor, ou se sentir agredido moralmente, deve dizer ao chefe que está incomodado. "Outra opção é procurar o setor de Recursos Humanos (RH), para resolver de uma vez essa situação", diz. Veja dez tipos de chefes complicados e aprenda a lidar com eles.

Bruna Saniele

ENCONTRO EM LONDRINA

A coordenação nacional do MFPC/AR convocou membros da Diretoria para um encontro em Londrina PR nos dias 28 de fevereiro a 4 de março - dias do Carnaval.

O objetivo do encontro é planejar e detalhar as atividades preparatórias ao XXº Encontro Nacional do MFPC, a se realizar em 2015.

Está prevista a presença de 16 pessoas. Num gesto de dedicação e amor ao MFPC todos tirarão de seus bolsos as despesas de viagem e estadia.

Após o encontro serão comunicadas as notícias em nosso site www.padrecasados.org

Giba redator

BRASIL E CANADÁ PODEM TER NOVOS SANTOS ANTES DO FIM DO ANO

Três figuras-chave no estabelecimento da Igreja Católica no Brasil e no Canadá podem ser declaradas santas antes do fim do ano, disse um jesuíta que está ajudando a preparar o material necessário para as suas canonizações.

As três pessoas que estão rapidamente a caminho da santidade são: o Bem-aventurado José de Anchieta, conhecido como o Apóstolo do Brasil; a Bem-aventurada Marie de l'Incarnation, conhecida como a Mãe da Igreja canadense; e o Bem-aventurado François de Laval, o primeiro bispo do Quebec.

Os três foram beatificados juntos em 1980.



O Papa Francisco dispensou alguns dos procedimentos nas causas brasileiras e canadenses em resposta a pedidos das Conferências Episcopais dos dois países.

O cardeal Raymundo Damasceno Assis, de Aparecida, presidente da Conferência dos bispos brasileiros, anunciou em dezembro que o Papa Francisco lhe telefonara para dizer que tinha aceitado o pedido dos bispos brasileiros de que Anchieta fosse canonizado, embora um milagre atribuído à sua intercessão não houvesse sido identificado e verificado.

Normalmente, é preciso um milagre depois da beatificação para mover um candidato à canonização.

O jesuíta disse que o papa poderia assinar um decreto reconhecendo os três novos santos ainda no começo de abril e depois definir uma data para a sua canonização.

A devoção ao brasileiro "é clara. Muitas pessoas recebem muitas graças rezando para ele, assim como com João XXIII", disse Lindeijer. "Com base na massiva devoção popular, eles serão canonizados".

IHU - Instituto Humanitas Unisinos

PADRE CASADO

Senhor Papa, com licença,
Diga-me com lealdade,
Pra que serve penitência,
Se não houver a caridade.

O povo lhe pede o pão
Do Evangelho bem pregado.
Por que, nessa missão,
Bom senso não é usado?

Eu não posso dizer missa.
No mister fui bloqueado,
Não por faltar à justiça,
Mas por ser padre casado.

Jesus nos deu o preceito
De Sua Igreja cuidar,
E por que o preconceito,
Sempre quer nos relegar?

O homem é incompleto,
Sem a mulher, sua costela.
Foi Deus que, com Seu afeto,
O colocou junto a ela.

A sublime criatura,
Mulher no divino plano,
Traz ao homem mais ternura,
E o torna mais humano.

Onofre A. Menezes

Humor

Padre cliente antigo

Um homem, depois de ter apanhado uma grande bebedeira vai roubar galinhas.

No dia seguinte sente-se muito arrependido e vai ao confessorário e diz: "Sabe senhor padre, eu ontem não estava bem e fui roubar galinhas, o que é que eu devo fazer para remediar isto?"

O padre responde-lhe que ele deve dar 10 reais à primeira mulher que vir.

Ele sai da igreja e encontra uma mulher e diz-lhe:

"10 reais!"

E a mulher responde:

"25!"

E ele diz:

"Mas o senhor padre diz que são 10!"

"Mas o senhor padre já é cliente antigo!"



MANDELA: O MILAGRE DO PERDÃO



Ainda se pode dizer algo que não tenha já sido dito sobre Nelson Mandela, perante quem o mundo todo se inclinou, em sinal de respeito e veneração, aquando da sua morte a 5 de Dezembro passado, aos 95 anos? Já antes também.

Estive várias vezes na África do Sul, ainda no tempo do apartheid. Ainda vi, por exemplo, em bancos de jardim ou indicação de praia, a ordem: "Whitesonly" (só para brancos). Se pude visitar o Soweto, foi porque o afável bispo católico de Joanesburgo, que não era racista, pediu ao pároco negro que me acompanhasse. E foi com muita simpatia que me receberam.

Muitas vezes me perguntei como é que aquela ignomínia iria acabar. Seria possível sem um banho de sangue? Foi possível. Pacificamente, abriu-se o caminho para a democracia no quadro da coexistência racial. Isso se deveu certamente também à inteligência política do presidente De Klerk, no novo contexto criado pela queda do muro de Berlim.

Mas, para evitar a tragédia, o espírito e a ação de Mandela foram determinantes. Afinal, tudo está naquele gesto de apertar a mão aos carcereiros e convidá-los para o banquete de inauguração da nova presidência da "nação arco-íris". É necessário caminhar com a utopia, que nos diz, por um lado, o que não pode ser, por que intolerável, e, por outro, nos indica o caminho do para onde se deve ir.

Mandela percebeu que os seus carcereiros eram seres humanos habitados pelo medo. Ora, o medo é do pior que há. O medo tolhe a razão e a capacidade de pensar. É preciso ter medo de quem tem medo, de tal modo que a primeira libertação tem de ser a libertação do medo. Também e sobretudo no universo da religião. Aterrados pelo medo de Deus, homens e mulheres que se julgam religiosos caminham fatalmente para desgraças tenebrosas.

Por isso, a Bíblia é atravessada pela compreensão histórica lenta, que culmina em Jesus, através da sua experiência, palavras e ações, de que a única tentativa de "definir" Deus é (está em São João): Ho theós agapēstín (Deus é amor incondicional, Deus é Força infinita de

criar e só sabe amar).

Mandela era cristão. Por isso, sabia que se deve perdoar aos inimigos. Pelo Evangelho, também sabia que os romanos enquanto potência de ocupação podiam obrigar um judeu a transportar a bagagem na distância de uma milha, sendo neste contexto que se percebe o que Jesus diz: "Faz uma segunda milha de livre vontade." Talvez o romano começasse a conversar, e quem sabe se não acabariam por beber um copo juntos? A reconciliação, a solução pacífica dos conflitos é preferível à violência e à guerra. E Jesus, do alto da cruz, rezou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

De qualquer modo, o perdão é um milagre, também em política. Jürgen Habermas, agnóstico, talvez o maior filósofo vivo, que queria uma filosofia que herdasse, num processo de secularização mediante a razão comunicativa, os conteúdos semânticos da religião e a sua força, reconheceu que há um resto na religião não herdável pela simples razão. Disse-o num discurso famoso, por ocasião da recepção do prémio da paz dos livreiros alemães e já depois dos acontecimentos trágicos do 11 de Setembro de 2001. Esse resto tem que ver nomeadamente com o drama do perdão.

O perdão, em última análise, já não pertence à ordem do jurídico nem do político. No perdão do império, é a razão humana enquanto capacidade do cálculo que é superada, pois nem o algoz tem direito ao perdão nem a vítima é obrigada a perdoar. Como escreveu o filósofo Jacques Derrida, perdoar o imperdoável aponta para algo que está para lá da imanência, "qualquer coisa de trans-humano": "na ideia do perdão, há a da transcendência", pois realiza-se um gesto que já não está ao nível da imanência humana. Aí, começa o domínio da religião.

"A partir desta ideia do impossível, deste "desejo" ou deste "pensamento" do perdão, deste pensamento do desconhecido e do transfenomenal, pode muito bem tentar-se uma génese do religioso."

Anselmo Borges
www.dn.pt/inicio/opiniaio